



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE C. SOCIAIS**

VIRGÍNIA HELENA DUARTE

Educação popular: afinidades entre E. P. Thompson e Paulo Freire,
uma perspectiva político-sociológica

Florianópolis, Abril de 2016.

VIRGÍNIA HELENA DUARTE

Educação popular: afinidades entre E. P. Thompson e Paulo Freire,
uma perspectiva político-sociológica

Monografia/TCC como requisito para o título de
bacharela em C. Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gaspar Müller.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Gaspar Muller, orientador desta pesquisa, pelo constante incentivo, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade, pela abissal paciência e serenidade. Agradeço, principalmente, pela confiança, e por acreditar em mim.

A Lenita Raad e Liane Nagel, amigas de todas as horas.

A meus pais Newton Luiz Duarte (*in memoriam*) e Dora Helena Duarte grandes incentivadores que sempre deram alento e força para que eu fosse em busca de meus sonhos e sempre estiveram de braços abertos no que precisei.

Ao meu irmão, Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte, pelas valiosas contribuições dadas a esta pesquisa e tantas outras.

Ao meu marido, companheiro e amigo de todas as horas: “É bom saber que és parte de mim...”.

A Pastora Regina Niura do Amaral grande amiga, prestativa e incentivadora.

Meus *agradecimentos* aos amigos(as) conquistados nesta trajetória acadêmica, companheiros(as) de trabalhos e irmãos(as) na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Agradeço às professoras Eloise Hack Barbi Couto e Cintia Roveda Fernandes: trabalhar com vocês só me fez crescer, pois são profissionais que eu admiro muito.

Agradeço de coração aos profissionais dos projetos CEA FIS, Coloninha e Casa São José: aprendi muito com vocês, que Deus abençoe a cada um e proporcione vida longa a estes Projetos.

Agradeço também à minha amada sobrinha Gabriela Luiza Silveira Duarte, que chegou a este mundo num momento muito triste, mas que a cada dia nos traz mais alegria.

A todos aqueles(as) que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Quero também agradecer aos educandos(as) com que trabalho e já trabalhei, todos os dias aprendo muito com vocês.

Finalmente, gostaria de agradecer a todos(as) que, de uma forma ou de outra, contribuíram e compartilharam comigo esta caminhada.

A todos(as) o meu mais sincero carinho, e muito obrigada!!

Resumo

A pesquisa procurou realizar uma junção entre conceitos históricos, sociológicos e políticos e o projeto de educação popular de Paulo Freire, bem como aproximar criticamente conceitos e categorias analíticas à minha experiência como pedagoga e educadora de anos iniciais do ensino fundamental, de modo a realizar uma reflexão mais crítica e sistemática. Por esse motivo, como estudo de caso, procuramos definir aproximações entre a proposta de educação popular baseada em Paulo Freire e parte da obra de E. P. Thompson. Freire entendia que é somente na e com a educação que as pessoas se tornam realmente cidadãos(ãs). Porém, não qualquer educação; mas uma educação baseada e alicerçada nos preceitos dos educandos, i.e., pensada para e com eles, tornando sua práxis mais significativa, o que potencializaria a construção da cidadania. Por sua vez, Thompson nos inspira retomar uma tradição muito cara ao pensamento social crítico moderno: os sujeitos se constituem, ou seja, se formam, se educam, nas mais diversas circunstâncias em que vivem, seja no mundo do trabalho, da família, da comunidade de pares, do lazer, entre outros. Este é com certeza um dos muitos pontos em comum entre os autores. A noção de Thompson, "história vista de baixo", e alguns títulos de livros de Paulo Freire, como *Pedagogia do Oprimido* ou *Pedagogia da Autonomia*, poderiam ser trocados entre si; existe uma imensa aproximação de anseios e desejos, sobretudo a expectativa de melhores condições de vida para as pessoas. Ambos exerceram uma intensa oposição à desumanização e à desigualdade das relações sociais. Buscavam uma sociedade mais justa, democrática e igualitária, onde os educandos participem ativamente da construção do saber. Nesse sentido, a valorização do *fazer-se*, da capacidade do "agir humano" (*agency*) pode ser destacada como uma aproximação significativa entre os autores. Embora Freire nunca tenha usado este conceito (*agency*/ação humana), o percebemos em seus trabalhos.

Palavras-Chave: Experiência, educação popular, classe social.

Smile

Sorri quando a dor te torturar

E a saudade atormentar

Os teus dias tristonhos vazios

Sorri quando tudo terminar

Quando nada mais restar

Do teu sonho encantador

Sorri quando o sol perder a luz

E sentires uma cruz

Nos teus ombros cansados doridos

Sorri vai mentindo a sua dor

E ao notar que tu sorris

Todo mundo irá supor

Que és feliz

(Charles Chaplin, versão João de Barro (Braguinha))

SUMÁRIO

Siglas

Introdução 01

CAPÍTULO I

Sinopse dos projetos sociais em que trabalhei na cidade de Florianópolis/SC 05

CAPÍTULO II

História da educação no Brasil, métodos e modalidades educacionais 14

CAPÍTULO III

Vida e obra de Edward P. Thompson e Paulo R. Freire. Afinidades 25

Considerações Finais 61

REFERÊNCIAS 65

Anexo de fotos 69

Autorizações para a utilização das fotos 96

SIGLAS

AEC - ASSOCIAÇÃO DE EDUCADORES CATÓLICOS

BBC - BRITISH BROADCASTING CORPORATION

CEAFIS - CENTRO DE APOIO À FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER

CECs – CENTRO DE EDUCAÇÃO COMPLEMENTAR

CSFV- SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS.

CSJ - CASA SÃO JOSÉ

CEPLAR - CAMPANHA DE EDUCAÇÃO POPULAR DA PARAÍBA

COLONINHA - AÇÃO SOCIAL COLONINHA

DNA - ÁCIDO DESOXIRRIBONUCLEICO

GBCP: GREAT BRITAIN COMMUNIST PARTY

IML - INSTITUTO MÉDICO LEGAL

JUC - JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

MEB - MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

MOBRAL - MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

ONG – ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

OSCIP - ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO

PMF - PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

PNE - PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNICAPITAL – CENTRO UNIVERSITÁRIO CAPITAL

USP – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Introdução

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escolas, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. Carlos Drummond de Andrade

O interesse por este tema se materializou durante a disciplina optativa *Tópicos Especiais em Política II*, coordenada pelo prof. Ricardo Gaspar Müller, cursada no primeiro semestre de 2013. Uma vez foi discutida, em sala, a possibilidade de uma pesquisa onde fossem mapeadas diferenças e semelhanças, e/ou aproximações, entre E. P. Thompson e a proposta de educação popular baseada em Paulo Freire. A partir desse momento, decidi transformar essa questão no tema de meu TCC.

Porém, desde o início da graduação em Ciências Sociais, alimentava um grande interesse em realizar uma junção entre conceitos sociológicos e o projeto de educação popular de Paulo Freire e aproximar criticamente conceitos e categorias analíticas à minha experiência como pedagoga e educadora de anos iniciais do ensino fundamental, de modo a realizar uma reflexão mais crítica e sistemática.

Minha vida profissional começa no ano de 1990, ainda como estudante do curso de Pedagogia na Universidade UNICAPITAL, na cidade de São Paulo, quando tive a oportunidade de trabalhar em uma creche considerada modelo, dentro da Cidade Universitária da USP. Esta creche era ligada a uma empresa do Estado de São Paulo – Fundação Prefeito Faria Lima/CEPAM – e só atendia filhos de funcionários.¹ Trabalhei com todos os grupos dessa creche, berçário menor, crianças de zero a um ano, até o pré-escolar, então crianças de seis anos de idade. Permaneci nesta creche por três anos, praticamente a duração de minha graduação.

Com esta experiência, percebi que a prática lúdica é de suma importância para o desenvolvimento infantil, brincando a criança aprende. A atividade do brincar é muito mais

¹ O Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (Cepam) é uma fundação do governo do estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Planejamento e Gestão, que apoia os municípios no aprimoramento da gestão e no desenvolvimento de políticas públicas. Cf. www.cepam.org – consulta em 11/10/2015, 16:13h.

que uma atividade sem consequências para ela. Brincando a criança não apenas se diverte, mas aprende a planejar, ter iniciativa na organização do material da brincadeira, criar símbolos, relacionar eventos, e a se relacionar com as próprias crianças, os adultos e o mundo. Portanto, o ato de brincar propicia nos indivíduos o desenvolvimento da autonomia e da independência, preparando-os para a vida futura. Chego a esta conclusão pelos estudos desenvolvidos, mas também pelos cursos realizados durante meu estágio nessa instituição, e minha própria experiência prática com as crianças, pois dávamos muita importância à prática lúdica, tanto na brincadeira livre como na dirigida.

Quando inicio minha trajetória profissional na cidade de Florianópolis com educandos dos anos iniciais, percebo que essa condição de trabalho era muito limitada e que eu desejava realizar “coisas” diferentes do que era possível em uma sala de aula regular. Assim, cresce minha insatisfação pessoal com essas limitações, decido deixar de trabalhar em escolas e aproveito a oportunidade para trabalhar em ONGs e OSCIPs (Projetos Sociais), o que, em princípio, deveria me permitir exercer um trabalho mais livre, criativo, com diferentes abordagens.² Minha primeira experiência em uma ONG foi no Centro de Apoio à Formação Integral do Ser (CEAFIS) – situado no Jardim Atlântico, parte continental de Florianópolis –, onde permaneci três anos consecutivos e, após um intervalo, trabalhei mais um ano.³

Minha próxima experiência profissional foi na ONG Ação Social Coloninha – no bairro Coloninha, também na parte continental da cidade –, onde permaneci por quatro anos (2011-2014),⁴ e finalmente na Casa São José – no bairro Serrinha, na ilha, próximo ao campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) –, onde estou atualmente, desde fevereiro de 2015.⁵

Destas experiências profissionais, como educadora, nasceram a vontade e a necessidade de conhecer melhor os trabalhos de Paulo Freire e essa “tal de educação popular”, já que durante o curso de pedagogia, em nenhum momento (graduação ou

² Os professores que trabalham em projetos sociais pela Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC até o ano de 2015, passarão por uma prova escrita e mediante a classificação devem escolher o projeto desejado, seja ele ONGs, OSCIPs ou CCFV - antigo CECs. Para o ano letivo de 2017 a PMF irá enviar verba para cada entidade conveniada e elas farão a contratação de seus educadores, perdendo assim – professores - o vínculo com a PMF.

³ A partir daqui sempre referido como CEAFIS. Cf. www.ceafis.org.br Consulta em 11/10/2015, 16:32h.

⁴ Cf. <https://www.facebook.com/Ação-Social-Coloninha>

⁵ Cf. www.casasaojosefloripa.org.br e <https://www.facebook.com/casasaojose.floripa>

especialização), esse autor foi refletido, falado, lido ou discutido. Mas a cada etapa ficava mais evidente que o trabalho que eu realizo se orienta pelas premissas da educação popular, mesmo que em certos momentos não tivesse essa clareza.

Essa procura foi intensificada por uma experiência funesta que vivi. Trabalhei em outra ONG (que prefiro não identificar), na qual o projeto era muito “truncado” e limitado, devido às decisões de sua coordenação. Lembro que eu atuava com literatura para crianças e adolescentes e, em dado momento, achei adequado levá-los para uma atividade de leitura e contação de história e fui realizá-la embaixo de uma árvore, para que pudéssemos usufruir de um local diferente e aprazível. A coordenadora pedagógica ficou irritadíssima com minha atitude, afirmou que “aquilo era uma grande bobagem de minha parte e que eu estava mantendo tempo e que não via sentido em minha atitude”. Essa manifestação me incomodou muito. Mas, por outro lado, foi a partir desse momento que decidi me inteirar mais sobre conteúdos e técnicas de educação popular. Assim, para minha grande surpresa, alívio e alegria, ao cursar no 1º. semestre de 2015 a disciplina optativa *Educação Popular*, com a Profa. Maristela Fantin (graduação de Educação, UFSC), em uma de suas primeiras aulas, fomos ler e discutir o livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, justamente debaixo de uma árvore.

Cantinho de leitura: da árvore ao sofá

Quem mora em uma casa grande sabe como é bom explorar cada lugar. E se no terreno tem uma árvore grande, frondosa e que faz aquela sombra enorme, nada melhor do que colocar uma cadeira embaixo dela e ler um bom livro. Mas sabemos que ter tanto espaço assim não é tão fácil, principalmente nos dias de hoje. Quem mora em um apartamento pequeno, que divide o quarto com os irmãos, por exemplo, pode explorar a varanda. Que tal uma rede? Deitar, relaxar e folhear aquele livro que você tanto gosta é uma opção. Mas sabemos que quando a criança é pequena, essa opção não é muito viável. Para o caso dos pequenos, a nossa sugestão é deixar o espaço o mais lúdico possível. Para fazer isso, a dica é sentar no chão e usar bonecos e bichinhos na hora de ler o texto. Desta maneira, a criança vai interagir muito mais e ficar com vontade de ter sempre um livro por perto. Mas existem outros locais muito bons para se ler um livro: que tal ir ao parque em um final de semana? São sempre ótimos lugares para reunir a família. Fazer um piquenique e levar livros para ler com a família pode ser uma opção. Quem gosta da brisa do mar, viajar para a praia mais calma e passar o final da tarde lendo um livro sentindo o vento no rosto, é tudo de bom. Então, queremos saber de você, qual o melhor lugar para ler um livro? (Cf. www.bloguito.com.br/cantinho-de-leitura-da-arvore-ao-sofa Consulta em 08/09/2015, às 18h41min).

Faço aqui uma breve descrição dos capítulos abordados neste trabalho de conclusão de curso:

No capítulo 1, realizo um resumo dos projetos sociais em que trabalhei na cidade de Florianópolis/SC. Este é um momento em que retrato o nascimento, a localização, explico o funcionamento desses projetos, suas atividades, seu corpo docente, e incluo algumas fotos para situar melhor sua localização.

No capítulo 2, “Breve história da educação no Brasil, métodos e modalidades educacionais (até a formulação das propostas de alfabetização de Paulo Freire)”, faço uma síntese de importantes acontecimentos da história da educação, bem como dos diversos métodos utilizados no Brasil; nesse recorte histórico, minha descrição vai até o momento em que “se forma” o projeto pedagógico básico de Paulo Freire.

No capítulo 3, apresento uma explanação da vida e obra dos autores Edward P. Thompson e Paulo R. Freire, mostrando assim as semelhanças e distinções entre os autores e propositalmente realizo um “mistifório” de biografia com descrição intelectual, profissional, pessoal, pedagógica e de militância política, pois fui percebendo que seria muito mais interessante reunir tais informações em um mesmo capítulo. Não posso deixar de citar – mesmo que de forma concisa – alguns acontecimentos recentes, os ataques à memória e ao legado da educação popular de Paulo Freire.

Nas considerações finais, realizo uma “discussão” sobre a “boniteza” – parafraseando Paulo Freire –, ressaltando que bonito aqui está em sentido estético.

Por fim e não menos importante, anexo um registro de diversas fotos realizadas por mim em projetos sociais, pois elas registram o “fazer-se” de uma educação popular e também de minha “relação” com este segmento da educação.

Capítulo 1

Sinopse dos projetos sociais em que trabalhei na cidade de Florianópolis/SC

1.a - CEA FIS - Centro de Apoio à Formação Integral do Ser

A pureza de coração é inseparável da simplicidade e da humildade; ela exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho; é por isso que Jesus toma a criança como símbolo dessa pureza, como a tomou por símbolo de humildade. Allan Kardec



Fachada do Centro de Apoio à Formação Integral do Ser e do Centro Espirita Recanto de Luz (CEAFIS). Foto retirada do seu portal.

A instituição que mais tarde se tornará conhecida como CEAFIS iniciou suas atividades com distribuição de sopa, com o apoio de mão de obra voluntária, em um espaço próximo ao Instituto Federal de Educação (no centro de Florianópolis, na Ilha). A sopa era fornecida para as crianças e os adolescentes que circulavam pelo centro, como o *site* descreve, “alguns vivendo em situação de rua, outros que realizavam trabalhos infantis para colaborar no sustento familiar, como engraxates, vendedores de guloseimas, de jornais” (in www.ceafis.org.br).

Foi feita uma “investigação” para saber a origem – a possível moradia – dessas crianças e adolescentes que “perambulavam” pelo centro e foi constatado que muitas vinham da parte continental da cidade, mais precisamente do Bairro Monte Cristo.

Por cerca de dois anos, o grupo participou das atividades da Associação dos Moradores do Bairro Monte Cristo, durante a semana, servindo refeições às crianças e realizando acompanhamento escolar de forma muito precária, dado as condições disponíveis. (In. www.ceafis.org.br)

Em 19 de Outubro de 1996 é criado por vários voluntários o

{...} posto de assistência social e evangelização Irmã Celina, que funcionava na mesma Associação. Seu objetivo maior era o de transmitir os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo às crianças e adultos, à luz da Doutrina Espírita e, dentro das possibilidades, auxiliar as necessidades materiais e espirituais dos lares mais necessitados da comunidade. (In www.ceafis.org.br)

Com o significativo aumento de atendimentos – cerca de 200 crianças e adolescentes, além do grupo de mães –, os voluntários percebem a necessidade de nova mudança e iniciam seus atendimentos na Escola Básica América Dutra Machado, no bairro Monte Cristo. Em seguida, juntamente com o grupo espírita Solar das Rosas, decidiram buscar um local próprio para suas atividades. Como nessa região não havia nenhuma casa espírita Kardecista instalada, “buscou-se, então, um local para a fundação de uma casa espírita. Assim, da união dos dois grupos surgia, em 17 de dezembro de 1997, a casa

espírita Recanto de Luz”, localizada entre os bairros Chico Mendes e Jardim Atlântico. (In www.ceafis.org.br)

Devido à situação de extrema pobreza e de exclusão social das famílias da região, as atividades sociais da Casa Espírita foram assumindo proporções cada vez mais amplas e, parte das instalações que ficavam disponíveis durante os dias da semana, foram destinadas para o desenvolvimento de um trabalho de educação com as crianças e adolescentes da comunidade. In www.ceafis.org.br

Quando trabalhei nesta instituição, havia uma equipe de duas pedagogas, um professor de música, uma professora de artes – todos cedidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis - mais duas pedagogas e uma professora de educação física – cedidas pela prefeitura de São José) –, uma cozinheira (funcionária da casa) e diversos voluntários; atendíamos crianças e adolescentes no contraturno escolar. Com o passar dos anos, o projeto cresceu e estabeleceu novas parcerias, tendo assim um aumento da participação de diversos profissionais, como psicólogos, assistente social e coordenação pedagógica.

Atualmente o CEAFFIS atende aproximadamente 138 crianças e adolescentes e suas famílias, conforme relato da Diretora de Administração e Finanças, Maria do Carmo Silveira Pereira:

(...) Situação de extrema vulnerabilidade social e pessoal, a região onde estamos situados, segundo dados da UNICEF, lidera o ranking estadual de homicídios de adolescentes e jovens. São 2,45 mortes para cada grupo de mil, portanto, superior à média nacional, de 2,03 mortes. (Depoimento da Diretora de Administração e Finanças do CEAFFIS, Maria do Carmo Silveira Pereira, 2015).

O CEAFFIS desenvolve atividades na área socioeducativa através do Projeto Educação Integral para Inclusão Social de Crianças e Adolescentes, composto por oficinas de informática, artes plásticas, apoio pedagógico, esporte, violino, violoncelo, teatro, canto, dança, educação em valores humanos, oficinas profissionalizantes, curso para preparação ao primeiro emprego e geração de renda para mães e familiares.

1.b - Ação Social Coloninha

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. Rubem Alves



Fachada da Ação Social Coloninha e da Igreja Presbiteriana Independente da Coloninha. Foto de meu acervo pessoal.

O Projeto Ação Social Coloninha está ligado à Igreja Presbiteriana Independente da Coloninha – ambos situados na parte continental de Florianópolis, no bairro Coloninha. É uma entidade que “sempre teve um perfil de serviço e envolvimento social” (Beatriz Monguilhott Martins (Bia), Coordenadora Pedagógica, 2015), pois o início dos trabalhos desse grupo foi com o movimento de ocupação de algumas comunidades, como, por exemplo, a “Comunidade Pasto do Gado”, no bairro de Monte Cristo.

Na década de 1990, este grupo de voluntários cria uma fábrica chamada Pães para auxiliarem na alimentação de crianças e adolescentes de um projeto conhecido como Oficina do Saber; mas, em meados da mesma década, a fábrica é desativada.

Percebendo que este espaço era completamente inativo durante a semana, o grupo resolve, mediante a demanda local,

{...} criar a associação comunitária Casa do Povo, que atendia crianças de 0 a 6 anos de idade, em regime de creche integral, com convênio da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Sendo que a sua administração ficou a cargo de pessoas da comunidade. (Bia)

As pessoas não possuíam esclarecimento suficiente para gerir a administração. Consequentemente, ao longo do tempo essa associação contraiu muitas dívidas, principalmente trabalhistas que, a posteriori, foram sanadas por diversos membros da Igreja. Posteriormente outro grupo de moradores assumiu a gestão da creche.

O espaço da Igreja voltou a ficar “vazio” durante a semana, o que incomodava muito os membros da igreja, os quais, após diversas conversas, resolveram propor à Profa. Sonia Santos Lima de Carvalho – Gerente de Articulação Pedagógica da Educação Continuada da PMF –, a abertura de um Projeto Social que pudesse atender crianças e adolescentes do próprio bairro e adjacências que ficavam ociosas e vulneráveis ao tráfico de drogas. Portanto, em 2009, foi assinado o contrato com a criação do projeto Coloninha.⁶

Atualmente são atendidas 60 crianças e adolescentes, na faixa etária de 06 a 16 anos de idade, no contraturno escolar. Sua principal finalidade é:

Promover o atendimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, oportunizando, através de ações educacionais, vivências que auxiliem no processo de desenvolvimento das múltiplas

⁶ Cf.: www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=contatos&menu=8

dimensões humanas, possibilitando a constituição de suas identidades de maneira autônoma e criativa. Contribuindo para que crianças e adolescentes se percebam como sujeitos de direito. (Cf. http://acaosocialcoloninha.blogspot.com.br/2013/09/sobre-nos_16.html Consulta em 07/09/2015, às 15h26min).

Atualmente (2016) o projeto possui 2 pedagogas – uma de 20 horas e outra de 40 horas semanais –, 1 professor de educação física, com 30 horas semanais e 1 coordenadora pedagógica, todos cedidos pela PMF, 1 professora de ensino religioso (voluntária) –primeira pastora mulher da Igreja Presbiteriana, Regina Niura Silva do Amaral. A ONG ainda conta com diversas voluntárias.

1.c - Casa São José

Jesus não veio ensinar uma filosofia, uma ideologia, mas um caminho, um caminho a percorrer com ele. E a estrada aprende-se a caminhar. Sim, queridos irmãos, eis a nossa alegria: andar com Jesus. Não é fácil, não é confortável, porque a estrada que Jesus escolheu é a da cruz. (Papa Francisco)



Fachada antiga da Casa São José. Foto retirada do *site*.

A Casa São José é inaugurada em 23 de março de 2003 – com o auxílio da Ação Social da Trindade (que por sua vez também colaborou com a criação da Casa da Criança, no Morro da Penitenciária, e ajuda a mantê-las) – com a finalidade de proporcionar um local de lazer, cultura, educação e assistência às famílias da comunidade da Serrinha.⁷ O espaço tinha a clara intenção de ser uma “continuação” da creche São Francisco de Assis, pois as crianças frequentavam a creche até os seis anos de idade e depois não possuíam um local de permanência.

⁷ Cf. www.paroquiadatrindade.com/trabalhos-sociais/acao-social-da-trindade Consulta em 11/10/2015, 18:24h

{...} dando desta forma continuidade ao trabalho já desenvolvido, já que os moradores da comunidade da Serrinha sentiam necessidade em ter um local apropriado para deixar seus filhos enquanto trabalhavam. (Cf. projeto político pedagógico (PPP) da Casa S. José, 2015).

Conforme o PPP, em 06 de maio de 2013 – pouco depois de a instituição completar 10 anos – foi constituída a Associação Casa São José com o intuito de lhe conferir maior autonomia e independência. Neste ano, a Casa São José atendia 50 crianças da comunidade de “forma muito simples”. Com o passar do tempo, foi firmando novas parcerias (com empresas, sociedade, voluntários etc.), o que viabilizou a ampliação e a qualificação de seu atendimento.

A comunidade da Serrinha é composta essencialmente por pessoas oriundas da região serrana de Santa Catarina e, recentemente, também da região nordeste do país. Este bairro faz parte do maciço do Morro da Cruz, possui uma vista privilegiada dos bairros em torno (como Trindade, Carvoeira e Itacorubi, p.ex.) e há uma grande proximidade com a Universidade Federal de Santa Catarina, o que facilita a vinda de estudantes da UFSC para trabalhos voluntários em diversas áreas.

Atualmente a Casa atende 170 crianças e adolescentes, de 06 a 15 anos de idade. Há cinco professores cedidos pela PMF, quatro pedagogas e uma professora de educação física, todas com carga horária de 40 horas semanais. A casa também possui professores de: artes cênicas (1); informática (1); dança (1); formação humana (1); 1 psicóloga; 1 assistente social; 1 fonoaudióloga; 1 psicopedagoga; 1 coordenadora pedagógica e 1 coordenadora administrativa. Igualmente o projeto conta com o apoio de 1 professora de artesanato, 1 professor de violão, 1 professor de futebol, 1 professor de percussão, 1 dentista, 1 cozinheira, 1 auxiliar de cozinha, e 2 de serviços gerais, além de diversos outros voluntários.

O que fica evidente nas três histórias expostas (CEAFIS, Ação Social Coloninha e Casa São José) é que esses projetos nascem primeiramente da necessidade de assistência social para as famílias, para as crianças e adolescentes e, mais tarde, há uma junção dessas práticas de assistência social e familiar com a perspectiva de educação e formação dos sujeitos. Portanto, nos dias atuais, a assistência e a educação andam lado a

lado, uma auxiliando a outra, ou seja, as duas dimensões são importantes para o bom funcionamento desse tipo de instituição.⁸

⁸ Os projetos, CEAFIS, Colônia e Casa São José vivem de doações e parcerias com diversas empresas. Os dois últimos projetos recebem professores contratados como ACTs e cedidos pela PMF; já o CEAFIS optou por receber o dinheiro e fazer sua própria contratação.

Capítulo 2

História da educação no Brasil, métodos e modalidades educacionais

É preciso sonhar. Mas com a condição de crer em nosso sonho. De examinar com atenção a vida real. De confrontar nossa observação com nosso sonho. De realizar escrupulosamente nossa fantasia. Lênin

Antes de comentar e discutir sobre os principais pensadores que servem de referência para meu projeto, apresento um breve resumo sobre a história da educação no Brasil, para melhor entender como e quando advém a chamada educação popular baseada em Paulo Freire e sua contribuição sociológica para a educação, pois, a meu ver, a sociologia constitui uma ciência extremamente importante para a compreensão do papel da educação na vida dos trabalhadores, suas determinações e contradições.

Demerval Saviani em seu texto/conferência⁹ faz uma separação em duas linhas pedagógicas: “As diversas modalidades de pedagogia tradicional, sejam elas situadas na vertente religiosa ou na leiga, {...} e “as modalidades da pedagogia nova”” (SAVIANI, 2005, p.1). A “pedagogia tradicional” daria mais importância à teoria e a “pedagogia nova” à prática.

{...} poderíamos considerar que, no primeiro caso, a preocupação se centra nas “teorias do ensino”, enquanto que, no segundo, a ênfase é posta nas “teorias da aprendizagem”. {...} Na primeira tendência o problema fundamental se traduzia pela pergunta “como ensinar”, cuja resposta consistia na tentativa de se formular métodos de ensino. Já na segunda tendência o problema fundamental se traduz pela pergunta “como aprender”, o que levou à generalização do lema “aprender a aprender”. (SAVIANI, 2005, p.1).

Para mim, esta pequena citação de Dermeval Saviani evidencia uma disposição freiriana de pensar a educação e de como se dá esse aprendizado. (o que significa também uma aproximação possível dentro do marxismo).

⁹ Relatório “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do “Histedbr”. Campinas, 25 de agosto de 2005.

Os jesuítas quando chegaram ao Brasil, por volta de 1549, implantam os primeiros colégios com o apoio financeiro da coroa portuguesa; sua primeira fase foi “marcada pelo Plano de instrução elaborado por Nóbrega” (SAVIANI, 2005, p. 4). Nóbrega estava extremamente atento às necessidades destes colégios para a “instrução”, bem como preocupado com o direito às terras onde seriam construídos os colégios. “Sua manutenção, o que implicava prover os víveres que envolviam a criação de gado e o cultivo de alimentos {...} e, para realizar regularmente essas tarefas, aquisição e manutenção de escravos” (SAVIANI, 2005, p. 4). Sua concepção pedagógica se encaixa corretamente na “pedagogia tradicional” e, claro, religiosa.

Padre Manuel da Nóbrega solicita à coroa portuguesa mais pessoas para trabalhar na “nova terra”. Entre elas, veio o Padre José de Anchieta que, mais tarde, torna-se grande conhecedor da língua tupi – falada pela maioria dos índios – para favorecer sua principal função, educar e catequizar os nativos. Catequizar era muito importante, já que: {...} “Para os jesuítas a religião católica era considerada obra de Deus, enquanto as religiões dos índios e dos negros vindos da África eram obra do demônio”. (SAVIANI, 2005, p. 06). Portanto, os jesuítas acabaram realizando na “nova terra” um “aniquilamento” da cultura e dos hábitos da população aqui existente. Mesmo entre os jesuítas essa “pedagogia brasílica” teve uma certa aversão, {...} “sendo finalmente suplantada pelo plano geral de estudos organizado pela Companhia de Jesus e consubstanciado no Ratio Studiorum”¹⁰. (SAVIANI, 2005, p. 06)

Não podemos deixar de comentar as “reformas pombalinas”, pois, na metade do século XVIII, regido por ideias iluministas¹¹, Marquês de Pombal, entre outros objetivos, tinha por incumbência aumentar os lucros advindos da extrema exploração da colônia brasileira.

¹⁰ Conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuítas. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica, ganhou status de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Verbete elaborado por César de Alencar Arnaut de Toledo, Flávio Massami Martins Ruckstadter e Vanessa Campos Mariano Ruckstadter. Cf.: (www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ratio_studiorum.htm, consulta em 26/06/2015, às 22hs 36min.).

¹¹ O iluminismo foi um movimento global – filosófico, político, social, econômico e cultural –, que defendia o uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação. Os iluministas defendiam a criação de escolas para o povo ser educado e a liberdade religiosa. O centro das ideias e dos pensadores iluministas foi a cidade de Paris, embora tenham existido outros movimentos importantes, como os da Holanda e da Escócia (www.infoescola.com/historia/iluminismo – consulta em 27/06/2015, às 9hs:15min.).

Buscando ampliar os lucros retirados da exploração colonial em terras brasileiras, Pombal resolveu instituir a cobrança anual de 1500 quilos de ouro. Além disso, ele resolveu tirar algumas atribuições do Conselho Ultramarino e acabou com as capitanias hereditárias que seriam, a partir de então (controladas) diretamente pelo governo português. (Cf. www.brasilecola.com/historiab/reformas-pombalinas.htm Consulta em 26/06/2015, às 23hs00min.).

Marquês de Pombal toma decisões e adota várias atitudes para diminuir gastos que desagradam principalmente aqueles que se beneficiavam dos mimos oriundos da coroa portuguesa. Outra medida associada às reformas por ele institucionalizadas foi a expulsão dos jesuítas do Brasil, transformando assim o relacionamento com os indígenas e reduzindo sua exploração, pois seu interesse nestes indivíduos era, sobretudo, o de conquistar e ocupar novas terras: “{...} a sistemática pedagógica introduzida pelas reformas pombalinas foi a das “aulas régias”, isto é, disciplinas avulsas ministradas por um professor nomeado e pago pela coroa portuguesa. (SAVIANI, 2005, p. 08)”.

Em meados de 1808 o “método” trazido da Inglaterra pelos pastores das Igrejas Anglicanas – baseado especialmente na proposta de Joseph Lancaster, da seita dos Quakers – foi amplamente divulgado, inclusive no Brasil: trata-se do “método mútuo, também chamado de monitorial ou lancasteriano” (SAVIANI, 2005, p. 8). Ou seja, eram utilizados alunos mais avançados para ajudar os outros, que exerciam a função de um “segundo professor” ou “professor auxiliar”, com a clara intenção de formar um professor futuramente.¹²

Nos anos seguintes, o método lancasteriano caiu paulatinamente em desuso e em seu lugar é adotado o método intuitivo, utilizado amplamente nas Américas e na Europa.

Ficou (conhecido) como o método do ensino popular por ser considerado, entre os educadores, o mais adequado à educação das classes populares. As raízes históricas do ensino intuitivo vinculam-se ao declínio do ensino escolástico e à ascensão dos preceitos da pedagogia moderna, preconizados por Bacon, Comenius, Rabelais, Locke, Condillac, Rousseau, Pestalozzi, Basedow, Campe e Froebel, entre outros. Em contraposição ao ensino livresco, o ensino intuitivo parte da premissa de que toda a educação deve começar pela educação dos sentidos. (Cf.

¹² Lembramos que nessa mesma época Portugal estava prestes a ser atacado por tropas francesas, comandadas por Napoleão Bonaparte; como os militares não tinham condições de enfrentar os franceses, o príncipe regente de Portugal, D. João, transfere a corte portuguesa para o Brasil, sua colônia mais importante.

www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_metodo_de_ensino_intuitivo2.htm – consulta em 28/06/2015, às 18hs58 min.)

O método de ensino intuitivo chega ao Brasil, através das ideias de Pestalozzi no compêndio de *Lições de Coisas*,¹³ de Norman Allison Calkins, e contou com importantes intelectuais em sua defesa, como Ferdinand Buisson (1841-1932), educador francês, com grandes contribuições para o sistema pedagógico e educacional da França. Contemporâneo de Emile Durkheim, Buisson foi

{...} inspetor geral da Instrução Pública na França (1878), diretor do Ensino Primário (1879), redator da *Revue Pédagogique*, professor da Sorbonne (1887) (...), reforçando as ideias de modernidade sobre educação escolar (Bastos, Maria Helena, 2013, p. 232).

No Brasil, inspirou diversas pessoas influentes na educação, dentre eles Rui Barbosa. Buisson também defendeu o laicismo, lutou pela separação entre Igreja e Estado; era considerado um liberal e pacifista:

{...} acreditava que a guerra seria abolida pela via da instrução, da educação popular e de uma ação laica. Para ele, a função da escola na sociedade moderna seria de fazer os homens "inteligências esclarecidas e consciência de direitos" (Buisson, 2003, p. 90, apud Bastos, Maria Helena, 2013, p. 232).

Segundo Alcione Nawroski, pedagoga e doutoranda em educação pela UFSC, o método intuitivo foi uma grande influência para os trabalhos educacionais de Paulo Freire. Esse método reconhece o que o educando traz consigo e

{...} cabe conceber o estudante enquanto ser humano que estabelece relações sociais para além da instituição, que tem saberes, experiências que lhe permitem atribuir sentido aos conhecimentos científicos trabalhados pela

¹³ A obra *Primeiras lições de coisas* – manual de ensino elementar para uso dos pais e professores, do professor norte-americano Norman Allison Calkins –, foi publicada pela primeira vez em 1861, foi destacada por Ferdinand Buisson, em seu famoso relatório sobre a seção de educação da exposição Internacional de Filadélfia, realizada no ano de 1876. Tidos como guias para orientar a implantação do método de ensino intuitivo pelos professores do ensino elementar, os manuais de lições de coisas ganharam força a partir do final do século XIX e início do século XX, abrangendo os conteúdos a serem ministrados no ensino elementar, bem como as prescrições metodológicas a serem seguidas pelo professor. (www.educaremvista.ufpr.br/arquivos_21/resenha_gladys.pdf – consulta em 12/10/2015, às 18hs12 min.).

escola, ou seja, ambas as dimensões são fundamentais para a ampliação do repertório de conhecimentos dos jovens e para a constituição das suas trajetórias pessoais. (Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da rede Municipal de Florianópolis/SC, 2015).

Deste modo, sua experiência de vida é muito importante em sua trajetória escolar, vejo afinidades e semelhanças, mas não consigo neste momento responder a essa questão, pois precisaria de mais tempo e mais leitura para esta pesquisa especificamente.

Nesse sentido, é necessário lembrar também dos projetos e obras de Anísio Spínola Teixeira e Manuel Bergström Lourenço Filho que, em meados de 1930, lançam dois importantes livros sobre a educação no Brasil, respectivamente, “Escola progressiva: uma introdução à filosofia da educação” (1934) e “Introdução ao Estudo da Escola Nova” (1929/1930). Os dois educadores se tornaram mais conhecidos como os pioneiros do chamado Movimento da Escola Nova Brasileira, embora o conceito de Escola Nova tivesse chegado ao Brasil em 1882 pelas mãos de Rui Barbosa.

Esse Movimento tem grande influência de John Dewey – filósofo norte-americano (1859-1952). Anísio Teixeira, em 1924, foi convidado pelo então governador do Estado da Bahia, Goés Calmon, para assumir a direção da Inspetoria Geral de Ensino do Estado, o que o aproximou dos problemas educacionais do país como um todo:

Após deixar a Inspetoria de Ensino na Bahia, Anísio foi cursar Ciências da Educação na Columbia University, nos Estados Unidos da América, onde entrou em contato com as ideias de Dewey pela primeira vez. Para Pagni (2000, p. 232), “Nesse curso, Anísio Teixeira pôde fazer um estudo mais sistemático sobre as teorias da educação e teve a oportunidade de conhecer a filosofia e ser aluno do próprio John Dewey” (Carvalho, 2011, p.58).

Este movimento foi bastante forte na Europa, América do Norte e no Brasil. Propunha as bases para uma importante renovação da educação, pois no Brasil vivíamos um período de grandes transformações econômicas, políticas e sociais.

O rápido processo de urbanização e a ampliação da cultura cafeeira trouxeram o progresso industrial e econômico para o país, porém, com eles surgiram graves desordens nos aspectos políticos e sociais, ocasionando uma mudança significativa no ponto de vista intelectual brasileiro. Na essência da ampliação do pensamento liberal no Brasil, propagou-se o ideário escolanovista. O escolanovismo acredita que a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma

sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade. (cf.: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm> – consulta em 19/09/2015, às 19hs:48min.)

Para John Dewey, a educação deve estar pautada sempre na experiência que os educandos trazem consigo. Ela deve oferecer meios para correlacionar experiência de vida com os conhecimentos adquiridos na escola, “a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida”. (Cf.: Amélia Hamze, in <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm> – consulta em 19/09/2015, às 20hs:16min). O papel do professor é o de orientar o crescimento dos alunos e fazer com que eles tenham prazer em aprender. Deste modo, o professor é um intermediário na aprendizagem.

Então, para ele, a educação teria uma função democratizadora de igualar as oportunidades. De acordo com o ideário da escola nova, quando falamos de direitos iguais perante a lei, devemos estar aludindo a direitos de oportunidades iguais perante a lei. (Cf. Amélia Hamze, in <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm> – consulta em 19/09/2015 às 20hs:19min).

Ao ler sobre John Dewey percebo algumas semelhanças com os princípios da educação popular de Paulo Freire. Em diversos trabalhos acadêmicos constatei que essa aproximação acontece por intermédio de Anísio Teixeira, tradutor de algumas das obras de John Dewey no Brasil, e de quem Paulo Freire se sentia um discípulo, principalmente quando Anísio Teixeira realizava

{...} [a] denúncia dos modelos autoritários da sociedade e da educação brasileira, particularmente defendendo que a educação deve ser pública e não privilégio de parcela da sociedade, educação esta que "já não pode ficar circunstanciada à alfabetização ou à transmissão mecânica das três técnicas básicas da vida civilizada – ler, escrever e contar" (Teixeira, 1994, p. 105, apud Silva e Ghiggi, 2009).

Portanto, essa aproximação e admiração por Anísio Teixeira nos faz acreditar que Paulo Freire seria leitor das obras de John Dewey. Em diversos pontos sobre o pensar a educação, eles são divergentes, mas se encontram quando:

Dewey e Freire acreditam que é preciso que o professor abandone a concepção de que pensar é algo estanque, imutável. É preciso que o docente reconheça que pensar é a forma pela qual todas as coisas adquirem significado para os indivíduos e que estes também diferem entre si. Enfim, pensar, para ambos, é um ato que ilumina a diversidade das coisas, tendo o poder de coordenar, unir, ordenar ideias despertas pelas coisas do mundo (Silva e Ghiggi, 2009).

Ambos acreditam que a criança deve ser educada como um ser integral, em seu conjunto intelectual, físico e afetivo/emocional.

O Ministro da Educação, Clemente Mariani, convida os principais educadores da época, 1947 – tanto da base católica, Pe. Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima, como os educadores da pedagogia nova, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Almeida Júnior, Faria Góis –, para a elaboração de um projeto de LDB. Segundo Dermerval Saviani as ideias que prevalecem na LDB são os ideais do segundo grupo, o grupo renovador.¹⁴ Mas, fica claro a “briga” entre escola pública X escola particular, a base católica defende abertamente as escolas particulares, com “os mesmos argumentos do início da década de 1930, guardando o mesmo caráter monolítico de então” (SAVIANI, 2005, p. 15). “É importante, pois, não perder de vista que a sucessão de diferentes fases com o predomínio, também sucessivo, de diferentes concepções, não significa que a fase anterior esteja, de fato, superada”. (SAVIANI, 2005, p.13). Não há como romper de imediato com “crenças”, mas, “progressivamente, na medida em que o movimento renovador ia ganhando força e conquistando certa hegemonia, constata-se uma tendência, também progressiva, de renovação da pedagogia católica” (SAVIANI, 2005, p.14).

Por conta da “renovação da pedagogia católica”, a Associação de Educadores Católicos (AEC) em 1955 e 1956 realiza as “semanas pedagógicas” que visavam divulgar as novas ideias e novas concepções pedagógicas, tendo como base os conceitos de Maria Montessori¹⁵ e Hélène Lubienska de Lenval.¹⁶ “Surge assim, na esteira do predomínio da

¹⁴ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934. O primeiro projeto de lei foi encaminhado pelo Poder Executivo ao Legislativo em 1948, e levou treze anos de debates até o texto chegar à sua versão final. A primeira LDB foi publicada em 20 de dezembro de 1961 pelo presidente João Goulart, seguida por outra versão em 1971, em pleno regime militar, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996. Cf. www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=32:ldb-de-1961&Itemid=2 consulta em 06/10/2015, 20hs:59min.).

¹⁵ Maria Montessori nasceu em 31 de agosto de 1870 e faleceu em 6 de maio de 1952. Foi médica, educadora e pedagoga. Era extremamente católica. O método Montessori, dirigido especialmente às crianças

concepção humanista moderna de educação, uma espécie de “nova escola católica” (SAVIANI, 2005, p. 15). Referimo-nos aqui à escola para uma elite que podia pagar – caro – para manter seus filhos em uma escola particular. Mas as pessoas que podiam usufruir dessas escolas ambicionavam métodos mais “modernos” e “O caminho que a Igreja Católica encontrou para responder a essa exigência foi assimilar a renovação metodológica sem abrir mão da doutrina” (SAVIANI, 2005, p. 16).

Um fato muito importante para a educação brasileira é o processo de elaboração do projeto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Trata-se de um projeto de lei pensado para garantir o direito de toda a população a uma educação gratuita e de qualidade e valorizar os profissionais da educação, estabelecendo assim o dever da União, dos Estados e dos Municípios para com a educação pública, pois é ela que regula o sistema educacional brasileiro, auxilia “na elaboração de um conjunto de diretrizes, decretos e resoluções que buscam instituir duas grandes inovações: ideia de um Sistema Nacional de Educação Básica e a noção de educação básica” (Diretrizes Curriculares para Educação Básica da Rede Municipal de Florianópolis/SC, 2015, p. 11). Na LDB encontramos as Leis que regem a educação nacional em todas as suas modalidades, níveis e etapas¹⁷, da educação básica¹⁸ ao ensino superior.

Embora o texto constitucional represente um importante avanço no ordenamento jurídico que regula o ensino público/privado oferecido no país, foi somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),

do período pré-escolar, é baseado no estímulo da iniciativa e capacidade de resposta da criança, através do uso de material didático especialmente desenhado. O método propõe uma enorme diversificação das tarefas e a máxima liberdade possível, de tal maneira que a criança aprenda por si mesmo, seguindo o ritmo de suas próprias descobertas. Cf. www.infoescola.com/biografias/maria-montessori – consulta em 12/10/2015 às 11hs56min.).

¹⁶ Educadora Helena Lubienska de Lenval (nascida na Polônia em 1895, viveu a maior parte de sua vida na França e faleceu em Bruxelas em 1972), seguidora de Maria Montessori, que em sua metodologia, defendia a preparação de um ambiente em que o ser humano – principalmente a criança – pudesse aprender com liberdade. Isso não significava negligência ou indiferença e sim respeito ao desenvolvimento do ser. O aluno passava a ter seu mais profundo interesse despertado e seus momentos de atenção mais bem aproveitados pelo professor, com afeto e cuidado. Cf. www.lubienska.com.br/lubienska – consulta em 07/10/2015, às 19hs19min.).

¹⁷ A educação escolar compõe-se de: educação básica e educação superior. As etapas da educação básica estão organizadas em três etapas: Educação Infantil, 1ª etapa; Ensino Fundamental, 2ª etapa; Ensino Médio, 3ª etapa. As modalidades de ensino são: Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Profissional e Tecnológica, Educação Especial, Educação a distância e Educação Indígena.

¹⁸ Devemos entender por educação básica aquela que compreende Educação Infantil, cuja finalidade é o “desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação família e da comunidade” (LDB, Art. 29, 2013), Ensino fundamental I e II, com duração mínima de nove anos sequenciais, cujo objetivo é “a formação básica do cidadão” (LDB, Art. 32, 1996) e pelo Ensino Médio: Trata-se da “etapa final da educação básica”, que possui a “duração mínima de três anos”. (LDB, Art. 35, 1996).

em 1996, que os “princípios” e os “fins da educação nacional” passaram a registrar mais explicitamente a necessidade de se preparar o estudante para, entre outros, o “exercício da cidadania” (Lei nº. 9.394/96). (Cf. Diretrizes Curriculares para Educação Básica da Rede Municipal de Florianópolis/SC, 2015, p. 19).

Portanto, a LDB foi finalmente aprovada – não sem muitos conflitos e lutas – para garantir o direito da população a uma educação gratuita e de qualidade, bem como valorizar os profissionais, estabelecendo assim os deveres da União, do Estado e dos Municípios principalmente com a educação pública.

No final dos anos de 1950 e no início de 1960 os movimentos populares acabam por tomar mais corpo e como se refere Saviani:

Em termos de educação popular os movimentos mais significativos são o Movimento de Educação de Base – MEB – e o Movimento Paulo Freire de Educação de Adultos, cujo ideário pedagógico mantém muitos pontos em comum com o ideário da pedagogia nova. (SAVIANI, 2005, p. 17)

Neste momento, com a referência ao Movimento Paulo Freire de Educação Popular e com o “gancho” do tema da educação popular, interrompo meu resumo sobre as diversas e importantes mudanças de métodos pedagógicos, pois não constitui o objetivo desse trabalho descrever métodos utilizados, mas apresentar um breve panorama da educação brasileira. Desta forma, passarei para o próximo capítulo em que exponho aspectos da vida e obra dos autores protagonistas de meu projeto.

Com o término deste capítulo é importante citar que o Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio) é o 266º Papa da Igreja Católica, como esclareço a seguir. É o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos, e o primeiro Papa jesuíta da história. Carinhosamente conhecido como Papa dos pobres, por conta da escolha de seu nome e também de sua trajetória religiosa como arcebispo de Buenos Aires. Sempre recomendou aos seus sacerdotes: misericórdia, coragem apostólica e portas abertas a todos sem distinção.

“O meu povo é pobre e eu sou um deles”, disse várias vezes para explicar a escolha de morar num apartamento e de preparar o jantar sozinho. (Cf. <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html> – consulta em 11/10/2015 às 13hs 21min.).

Em sua visita à Bolívia, em julho de 2015, para o Encontro dos Movimentos Populares e Indígenas, o Papa Francisco pede desculpas aos povos indígenas da América Latina pela opressão, pelas ofensas e crimes cometidos pela Igreja Católica durante a conquista da América, em seus processos pedagógicos e de catequese, atrocidades sofridas em nome de Deus. O Papa Francisco:

Contestou a versão que mostra os catequizadores como responsáveis por um papel colaborativo e diplomático com as comunidades indígenas nos primeiros anos da colonização – difundida em alguns países, entre eles o Brasil – e reconheceu que, muito pelo contrário, foram cometidos, em nome de Deus, graves pecados contra a vida dos índios americanos desde o Século XVI. (Cf. <http://redelatinamerica.cartacapital.com.br/papa-francisco-pede-perdao-pelos-crimes-da-igreja-durante-a-colonizacao-da-america> – consulta em 11/10/2015, às 13hs08mim.)

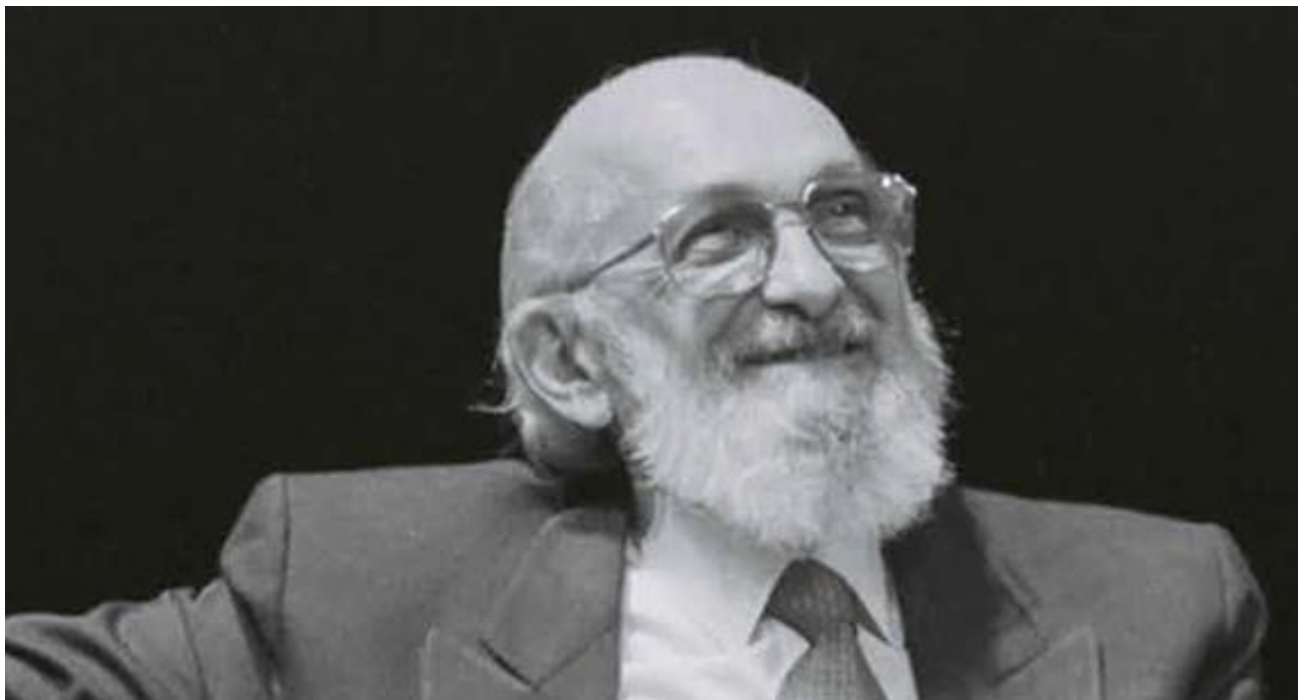
As atrocidades já foram cometidas, não há como voltar atrás, o gesto do Santo padre é uma forma de reconhecer os erros e as atrocidades cometidas pela Igreja Católica, em nome de Deus, mas também uma forma de buscar sua aproximação com o povo.



Foto retirada do site <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/36569-visita-do-papa-francisco-a-bolivia#foto-528457>

Capítulo 3

Vida e obra de Edward P. Thompson e Paulo R. Freire: Afinidades



A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Paulo Freire

Ele era um jovem operário de blusa branca e pó nas dobras das roupas, e, ao passar por ele, eles nem mesmo o viam, ou ouviam, mas, ao contrário, viam através dele, como se ele fosse vidraça, quando olhavam para seus familiares mais adiante. Thomas Hardy

Em seu texto, "Edward Palmer Thompson", do livro *Historiadores de nosso tempo*, Ricardo G. Müller e Sidnei Munhoz descrevem o início da carreira de E. P. Thompson:

{...} foi professor de escola noturna (os antigos cursos ingleses de Adult Education, posteriormente transformados em Continuing Education) e ativista político. Thompson nunca se estabeleceu no mundo universitário e acadêmico (de forma permanente). (MÜLLER e MUNHOZ, in Lopes e Munhoz (org.), 2010, p.32).

Em 1948, com 24 anos de idade, E. P. Thompson analisa os processos educativos vividos por participantes dos movimentos sociais e conclui que estes trazem consigo a experiência; sua reflexão faz referência a educandos adultos e trabalhadores: "a educação liberal de adultos permite uma relação entre professor e estudantes que, sob certos aspectos, é única sob o ponto de vista educacional" (Thompson, 2002, p.13). Como diria Paulo Freire, ensinar é uma troca, ou seja, é uma via de mão dupla, você ensina e aprende ao mesmo tempo, não importa se é educação para adultos, adolescentes ou crianças.

Thompson não escreveu diretamente para professores, não produziu material didático específico, não foi professor universitário sistematicamente por muito tempo, "{...} atuou como professor e pesquisador associado a uma universidade em poucas ocasiões" (MÜLLER e MUNHOZ, in Lopes e Munhoz (org.), 2010, p.32). Ministrou cursos de educação para trabalhadores, com finalidades pedagógicas, e de formação complementar, por meio de aulas de literatura e história, dentre outras. Seu trabalho nos ajuda a pensar questões sobre cultura, a vida dos trabalhadores e a educação.¹⁹

¹⁹ A esse respeito, ver a importância da atuação da WEA, Associação (inglesa) dos Trabalhadores em Educação. Cf. www.wea.org.uk

Nesse sentido, as práticas de educação popular devem desenvolver um olhar crítico, estimular o diálogo e a participação comunitária, possibilitando uma melhor leitura sobre a realidade social, política e econômica, bem como a reflexão crítica, pois têm a função de promover o desenvolvimento da comunidade em que o(s) educando(s) está(ão) inserido(s). Agregando diversos profissionais, desse modo permitem educar e organizar grupos sociais para ações que visem superar ou pelo menos amenizar o quadro de exclusão. Portanto, valorizar e oportunizar para que os indivíduos, crianças, adolescentes e adultos possam ser protagonistas de seus processos de formação.

A educação popular constitui um método que valoriza os saberes prévios dos educandos e suas realidades culturais na construção de novos saberes, ou seja, está pautada no diálogo permanente:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem construídas pelos permutantes. (FREIRE, 1982, p.93).

Os trabalhos que realizei e realizo profissionalmente como educadora em Organizações Não Governamentais (ONGs) conveniadas à Secretária Municipal de Educação/SME de Florianópolis – como o CEA FIS; a Ação Social Coloninha, e a que atualmente realizo na Casa São José – visam atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, por meio da promoção de atividades físicas, artísticas, culturais e de apoio pedagógico.²⁰ Creio que meu trabalho como educadora está em conformidade aos princípios da educação popular descritos no parágrafo anterior. Em “Educação Popular, um jeito especial de conduzir o processo educativo no setor saúde”, Eymard Mourão Vasconcelos sustenta:

Segundo Carlos Brandão (1981), a educação popular não visa criar sujeitos subalternos educados: sujeitos limpos, polidos, [...] a educação popular é um método de participação de agentes eruditos (professores, padres, cientistas sociais, profissionais da saúde e outros) neste trabalho político. Ela busca trabalhar pedagogicamente o homem e os grupos envolvidos no processo de participação popular, fomentando formas coletivas de aprendizado e

²⁰ Desde fevereiro de 2015 atuo na Casa São José. Cf.: www.casasaojosefloripa.org.br ou <https://pt-br.facebook.com/casasaojose.floripa>

investigação, de modo a promover o crescimento da capacidade de análise crítica sobre a realidade e o aperfeiçoamento das estratégias de luta e enfrentamento. É uma estratégia de construção da participação popular no redirecionamento da vida social. (Vasconcelos, E., 2004, p. 70).

A educação popular não é de forma alguma fria e impositiva: está baseada no diálogo permanente; não é uma educação informal: sua busca constante é a de formar cidadãos conscientes e participativos, utilizando os conhecimentos e experiências que todos os educandos trazem consigo. Embora Thompson não faça menção às crianças ou adolescentes em particular, eles não são de forma alguma uma "tábula rasa" – parafraseando o filósofo inglês John Locke – ou um "papel em branco"; podem *não ser alfabetizadas*, mas podem ser letradas.²¹

Toda educação que faz jus a esse nome envolve a relação de mutualidade, uma dialética, e nenhum educador que se preze pensa no material a seu dispor como uma turma de passivos recipientes de educação. (Thompson, 2002, p.13)

Lembro aqui também a experiência de Paulo Freire com adultos trabalhadores e analfabetos.²² Sem sombra de dúvida, o "Sucesso nos meios populares" – parafraseando o título do livro de Bernard Lahire²³ – está atrelado às mais diversas questões, entre elas: investimento financeiro e humano, condições culturais e pedagógicas que possibilitem aos educandos das classes populares acesso a bens culturais, perpassando também outras instâncias (o que não investigarei nesta pesquisa, pois não é o meu foco neste momento).

Como bem escreveu a socióloga Lorena Freitas no livro organizado por Jessé Souza, *A ralé brasileira: quem é e como vive*:

²¹ Grifo meu para diferenciar de letramento. O conceito de letramento significa que um indivíduo pode não saber ler e escrever – ser analfabeto –, mas pode ser letrado, i.e., faz o uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

²² Diferente da experiência de E. P. Thompson, que ministrou cursos para trabalhadores já alfabetizados.

²³ Faço uma advertência: não irei trabalhar com a diferença – que entendo ser muito relevante – entre o sentido de educação popular, na concepção de Paulo Freire, e o de educação em meios populares, na concepção de Bernard Lahire. É importante lembrar que a ajuda de Lahire foi “decisiva para a sofisticação metodológica do tipo de pesquisa empírica que utilizamos e para a formação de nossos jovens pesquisadores em uma forma reflexiva de perceber o trabalho empírico”. (Souza, 2011, p.4). Quando cursei a disciplina de *Métodos e Técnicas de Pesquisa II*, essa questão foi contemplada na primeira versão de meu projeto. Mas depois percebi que o principal foco da minha pesquisa não exigiria esta discussão, e não teria tempo hábil para desenvolver as leituras e aprofundar esse debate.

Quando se pensa sobre o que falta para o Brasil deslanchar e se tornar finalmente o "país do futuro", todos nós brasileiros temos na ponta da língua a resposta: educação, é claro. Afinal, um país que não investe ou investe pouco em suas escolas só por milagre vai conseguir se tornar uma nação rica e desenvolvida. (FREITAS, 2011, p.281).

O Plano Nacional de Educação/PNE (de 2015) se propõe a oferecer respostas para fazer com que o Brasil possa “deslanchar” e se tornar um “país do futuro”. Não obstante, não sabemos se suas metas são viáveis, “atingíveis” nas próximas décadas, principalmente a meta de número três:

Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15(quinze) a 17 (dezessete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, [2024] a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85% (oitenta e cinco por cento”. (Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de educação, s.d. p. 09).²⁴

Assim, questionamos: se desde 2007, aqui no Estado de Santa Catarina, foram fechadas cinco escolas estaduais, ficam as perguntas: onde foram alocados todos esses estudantes? Como iremos alcançar a meta proposta?

No estado de São Paulo há um movimento análogo ao de Santa Catarina, o fechamento ou, como propagam os governantes, *reordenamento* de diversas escolas. O promotor Luiz Antônio Miguel Ferreira, afirma, em relação ao caso de S. Paulo:²⁵

Não houve diálogo com a comunidade antes da decisão. Ao que tudo indica, o governo estadual não está realizando uma reorganização visando à melhoria da educação oferecida pela rede estadual, mas sim uma reforma administrativa que visa reduzir gastos na educação. Com isso, o impacto imediato da reestruturação será o fechamento de escolas.

Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/12/1713438-reorganizacao-das-escolas-nao-visa-melhoria-do-ensino-afirma-promotor.shtml> – consulta em 01/12/2015, às 19hs 27min.

Paulo Freire entendia que é somente na e com a educação que as pessoas se tornam realmente cidadãos(ãs). Porém, não qualquer educação, mas uma educação baseada e alicerçada nos preceitos dos educandos, i.e., pensada para e com eles,

²⁴ Explicação minha, não consta no texto original.

²⁵ Sobre o tema, cf. Lia Fuhrmann Urbini, *Educação integral e capital financeiro: A participação do Itaú Unibanco nas políticas públicas de educação entre 2002 e 2014*. Florianópolis: Dissertação, mestrado em Sociologia Política (PPGSP)/CFH, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2015.

tornando sua práxis mais significativa, o que potencializaria a construção da cidadania. A proposta da educação popular deve pautar-se em:

[...] romper com as práticas do modelo escolar regular e possibilitar novas formas de apropriação de conhecimento, com mais ludicidade, imaginário, criação e convivência social, no sentido de produzir uma nova ordem social. Possibilitar que as crianças, adolescentes e jovens possam brincar, cantar, dançar [...] e materializar possibilidades de educação com um diferencial que ultrapasse, de forma consentida ou não, as formatações impostas. (Marco referencial da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Caminhos e desafios de um trabalho educacional de ONGs e CECs, p. 2).

Portanto, em seus princípios, o marco referencial da Prefeitura Municipal de Florianópolis corrobora as premissas de Paulo Freire, ou seja, a educação popular deve estar pautada em um sistema horizontal, onde o educando deve ser um indivíduo ativo e participativo, envolvido em seu aprendizado.

Thompson nos inspira retomar uma tradição muito cara ao pensamento social crítico moderno: os sujeitos se constituem, ou seja, se formam, se educam, nas mais diversas circunstâncias em que vivem, seja no mundo do trabalho, da família, da comunidade de pares, do lazer, entre outros. (BERTUCCI, L.; FARIA FILHO, L.; OLIVEIRA, M.A. (org.), 2010, p. 11-12).

Este é com certeza um dos muitos pontos em comum entre os autores pesquisados. A noção usada por Thompson, "história vista de baixo", e alguns títulos de livros de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia*, *Ação Cultural para a Liberdade*, *Pedagogia do Compromisso*, dentre outros, poderiam ser trocados entre si; existe uma imensa aproximação de anseios e desejos, sobretudo a expectativa de melhores condições de vida para as pessoas.

Freire e Thompson exerceram uma ferrenha oposição à desumanização e à desigualdade das relações sociais. Buscavam – cada um a seu modo – uma sociedade mais justa e conseqüentemente mais democrática e igualitária, onde os educandos participem ativamente da construção do saber. Portanto, "através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais" (FREIRE, 1992, p. 108).

Nesse sentido, a valorização do *fazer-se*, da capacidade do "agir humano" (*agency*) pode ser destacada como um ponto de grande aproximação entre os autores, "principalmente a "ação" (*agency*) da classe trabalhadora no fazer de sua própria história" (MÜLLER, 2002, p.10). Portanto, teoria e prática devem caminhar juntas e interagir. Embora Paulo Freire nunca tenha usado este conceito (*agency*/ação humana), eu o vislumbro em seus trabalhos:

Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente, surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, tornar-se consciência historiadora: o homem é levado a escrever sua história. Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, [...] anúncio e promessa do que há de vir. (FREIRE, 1982, p. 12).

Consequentemente, os educandos tomam as "rédeas" de sua própria educação, deixam de ser sujeitos passivos para se estabelecerem como sujeitos ativos e participativos:

Refletir sobre a experiência, o trabalho, a educação, as classes e os movimentos sociais significa, portanto, pensar sobre a própria vida humana, como dimensões históricas indissociáveis. (VENDRAMINI, C., 2012, p.127, in MÜLLER e DUARTE (org.), 2012).

Paulo Freire sempre respeitou o "saber de experiência feito" "dos educandos para a construção do conhecimento, (bem como) o seu próprio saber de experiência feito para construir sua pedagogia" (Antunes, 2014, p. 377, in Pericás e Secco (org.), 2014).

Mediante esclarecimento – mesmo conciso, *a posteriori* será mais bem explicado – do que é educação popular, devemos recuperar a contribuição do educador popular e filósofo brasileiro, tentando destacar assim algumas semelhanças e diferenças entre os autores destacados.

No final dos anos de 1950 e início dos anos 1960 "toma mais corpo" a questão da educação popular e "em termos de educação popular, os movimentos mais significativos são o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Movimento Paulo Freire de Educação de Adultos" {...}. (SAVIANI, 2005, p. 17). O MEB era um movimento mantido e pensado

pela hierarquia da Igreja Católica com a parceria do movimento (de alfabetização) de Paulo Freire. Como afirma Saviani, Paulo Freire é independente no que diz respeito à hierarquia católica, mas era guiado “{...} pela orientação católica, recrutando a maioria de seus quadros na parcela do movimento estudantil vinculada à Juventude Universitária Católica (JUC)” (SAVIANI, 2005, p.17).

Paulo Freire também se torna conhecido por meio da “teologia da libertação²⁶”, ao lado, p.ex., de Leonardo Boff, Rubem Alves e J.B. Libâneo (Frei Beto), pois,

Não é por acaso que reconhecidas figuras da Teologia da Libertação não hesitam em associá-lo aos teólogos da libertação. A despeito de não ter sido esta a área a que tenha consagrado o melhor de seus escritos, Paulo Freire contribui com a formulação da Teologia da Libertação, por meio de sua proposta ético-filosófica e política. (Cf.: <http://consciencia.net/rastreando-fontes-da-utopia-freireana-marcas-cristas-e-marxianas-do-legado-de-paulo-freire-por-alder-julio-ferreira-calado/> consulta em 01/07/2015, às 16hs58min.).

A “teologia da libertação” leva uma grande mudança para a pedagogia católica exercida até então. Ela realiza

{...} opção preferencial pelos pobres, definida nas conferências episcopais latino-americanas de Medellín (Colômbia) e de Puebla (México), busca formas de engajamento nos processos de desenvolvimento e libertação da população oprimida. (SAVIANI, 2005, p. 17).²⁷

Creio que foi esse conjunto de objetivos que a “teologia da libertação” tentou propor e desenvolver, quiçá amenizando a dor e o sofrimento dos pobres, buscando assim alternativas à sua condição.

Nesse sentido, a seguir, gostaria de compartilhar um poema que, segundo o *site*, Paulo Freire tinha muito receio em publicar, provavelmente pelo temor das críticas. Para

²⁶ Em termos simples, a Teologia da Libertação é uma tentativa de interpretar a Escritura através do sofrimento dos pobres. É em grande parte uma doutrina humanista. Tudo começou na América do Sul, na turbulenta década de 1950, quando o marxismo estava fazendo grandes ganhos entre os pobres por causa de sua ênfase na redistribuição da riqueza, permitindo que os camponeses pobres participassem da riqueza da elite colonial e, assim, melhorasse a sua situação econômica na vida. Como uma teologia, tem raízes católicas romanas muito fortes. (Cf.: www.gotquestions.org/Portugues/Teologia-da-libertacao.html – consulta em 2/11/2015, às 17hs59min.).

²⁷ Reconhecemos as diferenças de propostas e resultados entre as conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979), mas não desenvolvemos essas questões na monografia.

nossa sorte tornou-se público. "{...} Paulo Freire se sente tocado pela figura do vendedor de "doce de banana e goiaba", a quem ele também chama de "homem-brinquedo". (Cf.: <http://consciencia.net/rastreando-fontes-da-utopia-freireana-marcas-cristas-e-marxianas-do-legado-de-paulo-freire-por-alder-julio-ferreira-calado>, consulta em 07/07/2015, às 15hs50min).

Foi preciso que o tempo passasse
 Que muitas chuvas chovessem
 Que muito sol se pusesse
 Que muitas marés subissem e baixassem
 Que muitos meninos nascessem
 Que muitos homens morressem
 Que muitas madrugadas viessem
 Que muitas árvores florescessem
 Que muitas Marias amassem
 Que muitos campos secassem
 Que muita dor existisse
 Que muitos olhos tristonhos eu visse
 Para que entendesse
 Que aquele homem-brinquedo
 Era o irmão esmagado
 Era o irmão explorado
 Era o irmão ofendido
 O irmão oprimido,
 Proibido de ser

("Recife Sempre", Paulo Freire, cf.: <http://consciencia.net/rastreando-fontes-da-utopia-freireana-marcas-cristas-e-marxianas-do-legado-de-paulo-freire-por-alder-julio-ferreira-calado> – consulta em 01/07/2015, às 17hs12min.).

Desses ideais e do desejo de justiça advém todo o seu trabalho, pois no começo dos anos 1960, Paulo Reglus Freire, um jovem recém-formado – juntamente com alguns companheiros ligados ao Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (atual

Federal de Pernambuco/UFPE) – auxilia na Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR).

O método de Paulo Freire não era “só” para alfabetizar. Visava antes de tudo ensinar a (re) pensar, e não simplesmente armazenar ideias alheias e a ostentar uma postura crítica diante do estudado, estendendo também para a sua realidade social:

A educação popular fala da opção pelo polo oprimido na luta de classes, e seu ponto de partida é a convicção de que o povo já tem um saber parcial e fragmentado e que carrega em si o dom de ser capaz. Mas precisa refletir sobre o que sabe (o que não sabe que sabe) e incorporar o acúmulo teórico da prática social. (www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1175 , consulta em 19/04/2015, às 20hs24min.).

Na primeira e mais conhecida experiência de alfabetização do Brasil, Paulo Freire possuía cerca de 40 horas aula para alfabetizar adultos. Ao término do tempo estipulado, ele conseguiu alfabetizar todos os educandos. Para comemorar o feito, estavam presentes o então Presidente da República João Goulart, vários governadores do Nordeste, representantes da Aliança para o Progresso, outras autoridades, e público em geral.²⁸ Na cerimônia, em 2 de abril de 1963, foram entregues cartas escritas pelos participantes do projeto dentre eles Antônio Ferreira e a aluna mais idosa, Maria Hermínia:

Com o término da experiência saem os resultados da avaliação do aprendizado do experimento de Angicos: 300 participantes são considerados alfabetizados, com 70% de aproveitamento no “teste de alfabetização” e 87% no teste de politização (Lyra, 1996, p.171, cf.: <http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia>, consulta em 23/05/2013, às 19hs 54 min., e <http://boletim.unifreire.org/educacao02/2013/09/11/paulo-freire-50-anos-de-angicos-significado-para-a-educacao-brasileira- hoje>, consulta em 02/07/2015, 19:41h).

Nessa cerimônia ocorreu o seguinte episódio. O General Humberto de Alencar Castelo Branco, fardado, então comandante da Região Militar no Recife, ao final, teria dito a Calazans Fernandes: “Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões.”

²⁸ Programa que visava acelerar o desenvolvimento econômico e social da América Latina, de modo a frear o suposto avanço do socialismo. Sua origem está associada a projetos do governo de John F. Kennedy.

(<http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia>, consulta em 18/06/2013, às 21hs33min.)²⁹.

Mencionamos que a proposta de educação de adultos, baseada na orientação de Paulo Freire, buscava ensinar a estudar; a (re)pensar, e não simplesmente armazenar. Provavelmente o Sr. Humberto de Alencar Castelo Branco percebeu a importância e a dimensão da educação e como ela poderia transformar os indivíduos. Nos anos seguintes, com o advento da ditadura civil-militar, o governo reconhece o problema do analfabetismo e cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com uma diretriz oposta à pedagogia de Freire.³⁰ Pois, ao contrário da orientação conduzida pelo Mobral, a nosso ver, a educação popular deve se propor a

{...} produzir um homem pesquisador/apropriador/produtor de conhecimento, com sabedoria autônoma e agente de transformação, um ser com consciência social e reflexiva em busca da equidade. Um homem que entenda e perceba as suas singularidades, emoções e afetividade como produto do meio e suas interações sociais e cotidianas. (Marco referencial da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Caminhos e desafios de um trabalho educacional de ONGs e CECs, s/d, p.5).

Paulo Freire e Edward Thompson colaboraram para introduzir outra tradição: a “que aponta para o estudo das pessoas comuns, que com suas experiências foram agentes da história e, com suas ações, afetaram, em diferentes graus, o mundo em que viveram e deixaram para seus filhos”. (BERTUCCI, FARIA FILHO, OLIVEIRA (org.), 2010, p. 26).

Em meados de 1963, é publicado número da Revista *Estudos Universitários*, da então Universidade de Recife, rebatendo as críticas da imprensa que acusavam a experiência de alfabetização de Paulo Freire como uma confusão entre alfabetizar e politizar. Outro episódio nos chama muito a atenção. No mesmo ano do curso de

²⁹ Calazans Fernandes era Secretário de Educação do Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação (SECERN), em 1962. Ao lado de Maria José Monteiro, ex-aluna de pedagogia de Paulo Freire, reuniram-se com ele no Serviço de Extensão Cultural da (então) Universidade do Recife para discutir o projeto de Angicos. Freire aceitou o convite com duas condições: autonomia para contratar os coordenadores e alfabetizadores e não interferência político-pedagógica e ideológica.

³⁰ O Mobral foi um projeto do governo militar brasileiro criado pela Lei n 5.379 de 15 de dezembro de 1967. Dentre seus objetivos, propunha a alfabetização de jovens e adultos, que abandonaram a escola, visando conduzir a pessoa a adquirir a leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la à sua comunidade. Os Programas do Mobral foram incorporados pela Fundação Educar em 1985, ano de seu fim. Cf. RYBCZYNSKI, Estanislau, “Mobral, o ensino da ditadura”, 30/01/2014, in Leia as Histórias, www.saopaulominhacidade.com.br – consulta em 29/3/2015, 18h40min.

alfabetização, na cidade de Angicos, eles testemunham sua primeira greve. “Os proprietários rurais chamam a experiência de Paulo Freire de “praga comunista”, (<http://angicos50anos.paulofreire.org/cronologia> – consulta em 18/06/2013, às 22hs02 min.).

Com base nesse episódio, percebemos que cabe aos indivíduos/estudantes/trabalhadores “{...} estabelecer relações sociais para além da instituição, que têm saberes, experiências que (lhes) permitem atribuir sentido aos conhecimentos científicos trabalhados pela escola”, ou seja, unir conhecimento científico à experiência vivida é fundamental para o desenvolvimento de seus conhecimentos e consequentemente tendem a adquirir maior consciência e reivindicar mais seus direitos, exercendo assim a cidadania. (Diretrizes Curriculares para a Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis/SC, 2015, p. 32 e 33).

Percebe-se assim que as duas dimensões – empírica e teórico-científica – ao se aproximarem e se unirem realizam a síntese essencial do processo de “fazer-se”, tal como proposto por E. P. Thompson:

{...} busca de indícios de como as pessoas fizeram-se e assim forjaram enquanto indivíduos que, vivendo em sociedade, formaram um grupo com ideias e interesses comuns – uma classe. Como vivenciaram suas experiências cotidianas marcadas pelo tempo e pelo espaço em que estavam e contribuíram para a efetivação do mundo em que viveram e dos rumos que tomaram (BERTUCCI, FARIA FILHO, OLIVEIRA (org.), 2010, p. 16).

Consequentemente, o sentido de “fazer-se” de Thompson pode ser comparado ao episódio ocorrido, bem como a ironia de Castelo Branco (“Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões”). Ao mesmo tempo, percebe-se a importância da alfabetização, “primeiro passo para a educação e degrau imediato para uma etapa civilizatória” (contracapa do livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*).

É importante pensar no título e no conteúdo de a *Pedagogia do Oprimido*, de 1968. Neste momento, o autor se encontrava exilado no Chile.³¹ O livro traz relatos e observações dos trabalhos realizados no Brasil, bem como os anos de exílio, entre Chile, Estados Unidos e Suíça.

³¹ Exilado devido à instalação do período da ditadura brasileira a partir de 1964. Foi professor da Universidade de Santiago e do Instituto Latino-Americano de Estudos Sociais.

Cabe então, por meio do trecho acima, pensar na concepção da “história vista de baixo”³² – atribuída à metodologia das principais obras de E. P. Thompson e condição para se refletir sobre a história dialeticamente, mas com prioridade para as referências à classe trabalhadora –, assim como Paulo Freire pensa a história a partir dos “analfabetos”, que são igualmente trabalhadores. Deste modo, as preocupações dos dois pensadores são com os sujeitos que não possuíam nem voz e nem vez para se expressar, e que eram de alguma forma marginalizados pela cultura dominante e pela estrutura social. A uma educação popular deveria corresponder uma história popular, do povo, por meio da perspectiva de uma “história vista de baixo”.

A meu ver, os conceitos de “história vista de baixo” e de “experiência” unem definitivamente Freire a Thompson. Ambos lutavam na e pela efetiva participação e visibilidade dos trabalhadores alfabetizados, que frequentavam as aulas de E. P. Thompson, e a dos trabalhadores analfabetos que participavam do curso de Paulo Freire, e para que pudessem efetivamente ser agentes de seu próprio aprendizado em um processo de diálogo permanente, em um movimento de troca, em uma relação horizontal, fundamentada na confiança e no amor, onde homens e mulheres tivessem voz e vez.³³

{...} O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode ser reduzido ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro {...}. (FREIRE, 2014, p. 109)

Tanto para Thompson quanto para Freire o processo de aprendizagem acontece mediante as experiências vividas, adquiridas e conseqüentemente apreendidas por homens e mulheres. Segundo João Alfredo Costa de Campos Melo Junior,

As experiências históricas e suas articulações seriam inevitáveis e continuas. Teriam a função de exercer pressão sobre a consciência social, determinando a construção de materiais humanos conscientes de seus

³² A noção de “história vista de baixo” pode ser definida também por meio do artigo *History from Below* (*História vista de baixo*), de Edward Thompson, para o *The Times Literary Supplement*, em 7 de abril de 1966. Ali ele propõe que se faça uma história da classe trabalhadora inglesa, que fale dos líderes e das organizações trabalhistas, mas não só delas. Realizar uma história que aborde também o trabalhador não engajado, afinal ele também é um trabalhador e faz parte dessa classe. (cf.: <http://caminhos-historia.blogspot.com.br/2011/08/historia-vista-de-baixo-obras.html> – consulta em 5/11/2013, às 16hs:01min., e in Negro e Silva (org.), 2001, p. 185-201).

³³ A esse respeito (diálogo/dialogismo), cf. também a obra de Mikhail Bakhtin.

papeis na sociedade de classes. Por esse prisma, Thompson acrescenta que, do ponto de vista empírico, é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas. (Cf.: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, p.03, julho 2011).

Para Freire não “há dialogo, porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens” (FREIRE, 2014, p. 110). No texto “Educação e Experiência”, de E. P. Thompson, esse “amor” é imergido nas falas do autor, quando descreve sua experiência com educação de adultos, principalmente na parte que ele espera “{...} conseguir o equilíbrio entre o rigor intelectual e o respeito pela experiência {...}”. E, “se eu tiver corrigido esse desequilíbrio um pouco {...}, terei então conseguido meu objetivo” (THOMPSON, 2002, p. 46).

Esse equilíbrio também é buscado quando Paulo Freire afirma que a educação – e consequentemente o aprendizado – só pode acontecer com educandos e educadores juntos, e nunca educador sobre educando ou educador para educando. Deste modo, essa é a verdadeira “história vista de baixo” e também a educação libertadora³⁴ que Freire tanto ambicionou. Portanto, atos de extremado amor aos outros.

Como resultado dessa forma de “fazer a educação” – baseada no diálogo – Paulo Freire abominava o uso das cartilhas. Naquela época (em torno de 1962) a alfabetização de adultos e de crianças era feita sobretudo pelo método da repetição de palavras ou frases soltas, por exemplo: “Eva viu a uva”, “o boi baba”, “a ave voa”, “a maçã é vermelha”, “Bia é a babá do bebê”, “O bebê é bonito”, entre outras. A cartilha mais conhecida é a “Caminho Suave”, escrita por Branca Alves de Lima³⁵, largamente utilizada no Brasil entre os anos de 1948 e 2005, embora retirada de catálogo em 1995 pelo Ministério da Educação/MEC, para que fosse utilizado o método construtivista.³⁶

³⁴ A educação libertadora proposta por Paulo Freire, por sua face crítica e educativa, pode servir de importante instrumento de emancipação do homem diante da opressão, pois ela demonstra sua preocupação diante da realidade vivida pelo educando, propondo intervenção prática no ambiente cotidiano escolar, de forma dinâmica, transformadora, considerando, a todo instante, a realidade concreta, singular e peculiar de cada educando. O foco central da educação libertadora de Freire é o combate acirrado à dominação e opressão dos “desprivilegiados”. Esses podem ser entendidos como os “marginalizados” da sociedade capitalista. (Cf.: <http://pedagogiaformacaoetica.blogspot.com.br>, consulta em 20/05/2015, 14hs25min.).

³⁵ Poucos dados foram encontrados sobre Branca Alves de Lima, nasceu em 1911 e faleceu em 2001; foi diplomada pela Escola Normal do Braz (atual Escola Estadual Padre Anchieta), nasceu no interior de São Paulo.

³⁶ Costuma-se dizer que o construtivismo causou a mudança, mas na verdade o advento do construtivismo acompanhou essa preferência por trabalhar de forma mais reflexiva. Entende-se o universo do letramento a



Foto retirada do site https://www.google.com.br/search?q=foto+da+cartilha+caminho+suave&ie=utf-8&oe=utf-8&gws_rd=cr&ei=gclUVpOzHoyYwASQzrLgDw

Fico preocupada e perplexa com a venda dessa cartilha nos dias atuais. Sim, a cartilha “Caminho Suave” continua sendo vendida no Brasil (seu preço oscila entre R\$ 22,50 e R\$ 42,30). Segundo o *site* da Infoescola, em 2010 a cartilha permanecia entre os cinco livros de maior vendagem na Livraria da Folha (cf. www.infoescola.com).

partir do aluno e não do professor. No entanto, é importante destacar que as novas formas de alfabetizar não dispensam a necessidade de o aluno entender que dentro de uma palavra existe som, mas há outras formas de fazer as crianças compreenderem diferentes textos numa perspectiva muito mais ligada ao modo como realmente se compõe os textos. (Cf.: www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-be-a-ba-no-passado-e-no-presente-5ewhu23nmdwz5575sfuqb11zi – consulta em 04/11/2015 às 08hs59min.).

Durante minha pesquisa sobre a cartilha “Caminho Suave”, me deparei com o depoimento abaixo, que sintetiza muito bem o que foi e como foi o uso das cartilhas na vida de muitos estudantes, principalmente os de escola pública, assim como eu. Penso que era uma época de poucas possibilidades e inovações educacionais no Brasil, e que o uso das cartilhas “cumpru” seu papel naquele momento, mas deixou grandes sequelas em seus estudantes, tais como: utilizar a “decoreba”, frases estanques e soltas e sem sentido, incapacidade de compreender e articular conteúdos, enfim.

Há poucos dias, um amigo compartilhou no Facebook a capa da cartilha de alfabetização mais famosa deste país: ‘Caminho Suave’. Por quase 60 anos, foi o principal meio de alfabetização de mais de 40 milhões de brasileiros. Provavelmente, assim como eu, vários leitores devem ter adentrado ao mundo mágico das palavras pelas páginas desta cartilha. Ao ver a ilustração, fiquei emocionado, pois a ‘Caminho Suave’ está entre as boas recordações que tenho da minha infância. Foi amor à primeira vista. Esta cartilha se transformou para mim no principal símbolo de uma conquista: ter acesso ao poder transformador das letras. Aos 6 anos, quando iniciei os meus estudos primários no Grupo Escolar Hugo Simas, em Londrina, embora não fosse possível imaginar o que a descoberta da escrita e da leitura iria provocar na minha vida, sabia que não poderia desistir diante do novo desafio, pois já tinha percebido como o meu pai sofria por não dominar as palavras para além da alfabetização funcional, especialmente por ser sistematicamente excluído das boas oportunidades de emprego. Também não tinha plena consciência que aquele era um momento de travessia e que, caso não a fizesse, ficaria à margem de mim mesmo. Agora, distante no tempo e no espaço, especialmente na função de educador, é possível fazer uma análise crítica e apontar vários ‘equivocos’ relacionados à metodologia e aos conteúdos propostos pela autora da cartilha, tais como: a visão idealizada de um único modelo de família; a forma conservadora como lida com questões de gênero e raça e a maneira como concebe a presença da escola na realidade cotidiana, ou seja, como um espaço alheio aos conflitos do mundo urbano. A capa da cartilha é um bom exemplo desta concepção de escola como uma ilha de felicidade isolada do mundo: são duas crianças assépticas e muito bem vestidas, que caminham num ambiente bucólico em meio à natureza, com extensa área verde, árvores floridas e, no final do caminho, se ergue a escola num edifício imponente. O mundo real já era muito diferente daquele apresentado pela cartilha, pelo menos, para boa parte dos que estudavam comigo no Grupo Escolar (...). Por baixo dos aventais, as roupas e sapatos surrados pelo tempo não conseguiam esconder ou disfarçar os sinais evidentes da pobreza. Assim como outros colegas, experimentei na própria carne a violência dos processos físicos e psicológicos de discriminação social ou, para usar uma palavra da moda, bullying. Não tínhamos sequer as moedas para comprar a pipoca. Ficávamos felizes com a porção de piruá que o pipoqueiro reservava para alguns de nós. A escola estava localizada no centro de uma cidade que enfrentava as contradições do rápido crescimento motivado pela força econômica do ‘ouro-verde’. Durante algumas décadas, Londrina ficou famosa por ser a capital mundial do café e chegou a ter, nos anos 60, o terceiro aeroporto mais movimentado do Brasil. Portanto, habitava dois

mundos – o da cartilha Caminho Suave e o real, materializado nas condições precárias das camadas empobrecidas numa cidade em desenvolvimento. Nesta mesma época, no nordeste do Brasil, Paulo Freire já havia sido preso e exilado por usar um método de alfabetização de jovens e adultos que enfatizava a ‘leitura do mundo’ como algo que deve preceder ao domínio da letra e da escrita. Eis aqui uma contradição: estas breves considerações críticas sobre a Cartilha Suave só se tornaram possíveis devido ao fato de ter passado pelo letramento e descoberto que as letras existem para além de suas imagens gráficas. Por meio das palavras, pude enxergar os diferentes mundos da década de 60 e teorizar sobre eles. São as palavras que me permitem entrar em contato e interpretar os mundos que já habitei. Depois do primeiro contato com o ‘A’ de abelha, o ‘E’ de elefante, o ‘I’ de igreja, o ‘O’ de ovo e o ‘U’ de unha novos mundos se descortinaram no horizonte da minha vida e, aos poucos, fui descobrindo que há muitos caminhos na existência cotidiana para além do ‘Caminho Suave’. Clovis Pinto de Castro, texto publicado na Gazeta de Piracicaba, 21/04/2013, p. 3. Cf.: <http://praxiscotidiana.tumblr.com/post/48608984403/por-caminhos-n%C3%A3o-t%C3%A3o-suaves-h%C3%A1-um-tempo-em-que>, consulta em 02/11/2015, às 19hs46min.).

Paulo Freire dizia: "Não basta saber ler que Eva viu a uva". "É preciso compreender a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho." (Cf.: <http://ensinareaprender-crisreis.blogspot.com.br/2012/11/metodo-paulo-freire.html>, consulta em 5/11/2013, 16hs24min.). Penso que por este e por outros tantos motivos – o de fazer pensar e (re) pensar – é que nos dias atuais o “método” de Paulo Freire incomoda tanta gente e que o patrono da educação brasileira é tido como “comunista” (irei abordar este assunto rapidamente no fim do capítulo). Portanto, o método de Paulo Freire sugere a identificação das palavras-chave do vocabulário dos educandos, conhecidas como palavras geradoras e não ao simples ato de decorar ou saber de cor palavras soltas e muitas vezes sem significado, as palavras devem estar ligadas às situações do cotidiano dos educandos, e fazer sentido para eles, como, por exemplo, a palavra "enxada" ou "tijolo" para diferentes grupos de trabalhadores.

Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, "a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes". Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, "a educação como prática da liberdade" postula, necessariamente, uma "pedagogia do oprimido". Não pedagogia para ele, mas dele. (FREIRE, 1982, p. 3).

A análise dos sujeitos envolvidos na construção de seus próprios destinos tornou-se o principal foco dos estudos de Thompson, definindo uma relação de compromisso entre a sua própria atuação e o que ele acreditava ser um movimento histórico democrático. (MÜLLER e MUNHOZ, in LOPES e MUNHOZ (org.), 2010, p.45).

Os dois autores em questão são contemporâneos entre si. Paulo Reglus Neves Freire³⁷ e Edward Palmer Thompson³⁸ são oriundos da "classe média". Eles nascem, vivem significativos momentos de grandes transições mundiais e morrem com relativa proximidade de tempo.

A família Freire, por exemplo, atravessa grandes dificuldades financeiras na depressão de 1929. Seu pai era capitão da Polícia Militar; sua mãe, dona de casa; a irmã Stela foi professora primária; seu irmão Temístocles foi servir no Exército, e Armando trabalhou como funcionário público, não concluindo o antigo ginásio. Seus irmãos começam a trabalhar muito cedo para ajudar no sustento da família, possibilitando que Paulo Freire, caçula, continuasse seus estudos, cursando inclusive a Faculdade de Direito no Recife, em 1943.

Em 1944 Paulo Freire se casa com a também professora primária, Elza Maria Costa de Oliveira, com quem teve cinco filhos. Sua esposa foi sua grande inspiração para detectar os problemas oriundos da educação brasileira. "Segundo Paulo Freire, seus estudos linguísticos e seu encontro com Elza conduziram-no à pedagogia". (Cf.: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=605: paulo-freire&catid=50:letra-p&Itemid=195, consulta em 20/06/2015, 16hs26min.).

Provavelmente, os problemas financeiros vividos pela família Freire lhe deram um ensejo maior para se preocupar com os desvalidos e necessitados, pois ele mesmo *vivenciou* a fome e a pobreza.

Como destaquei, Freire e Thompson são contemporâneos, mas o que isso significa em relação às suas trajetórias, experiências e aos seus ensinamentos? No texto, *O que é ser contemporâneo?* Giorgio Agamben oferece uma definição muito interessante e pertinente:

³⁷ Nasce no Recife, 19 de setembro de 1921, e falece em São Paulo, 2 de maio de 1997.

³⁸ Nasce em Oxford, 3 de fevereiro de 1924, e falece em Worcester, 28 de agosto de 1993.

O poeta – o contemporâneo – deve manter o olhar fixo em seu tempo. Mas que vê quem vê seu tempo, o sorriso demente de seu século? Gostaria aqui de lhes propor uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas sim as suas sombras. Todos os tempos são, para quem experimenta sua contemporaneidade, escuros. Contemporâneo é quem sabe ver essa sombra, quem está em condições de escrever umedecendo a pena nas trevas do presente. Mas o que significa "ver a escuridão", "perceber a sombra"? Uma primeira resposta nos é sugerida pela neurofisiologia da visão. O que acontece quando nos encontramos em um ambiente sem luz, ou quando fechamos os olhos? O que é a sombra que vemos nesse momento? Os neurofisiologistas dizem-nos que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, chamadas, precisamente, de *off-cells*, que entram em atividade e produzem essa espécie particular de visão que chamamos de sombra. A sombra não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não visão, mas sim o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da nossa retina. Isso significa, se voltarmos agora à nossa tese sobre o escuro da contemporaneidade, que perceber essa sombra não é uma forma de inércia ou de passividade, mas sim de algo que implica uma atividade e uma habilidade particulares que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir sua escuridão, sua sombra especial que não é, de todos os modos, separável dessas luzes. Pode se chamar de contemporâneo só aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século e que é capaz de distinguir nelas a parte da sombra, sua íntima escuridão. Com isso, porém, não respondemos a nossa pergunta. Por que o fato de poder perceber as trevas que provêm da época deveria nos interessar? Por acaso, a sombra não é uma experiência anônima e, por definição, impenetrável, algo que não está dirigido a nós e não pode, portanto, nos incumbir? Pelo contrário, contemporâneo é aquele que percebe a sombra de seu tempo como algo que lhe incumbe e que não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que qualquer luz, se refere direta e singularmente a ele. Quem recebe em pleno rosto o feixe de trevas que provêm de seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58-59)

Vislumbrar – mesmo em tempos sombrios. Como diz a letra da música de Kleber Lucas – “Há uma luz no fim do túnel, há um motivo de ser, você precisa saber urgentemente {...} A vida é melhor quando se tem a coragem de contrariar {...}” –, é necessário contrariar a “ordem pré-estabelecida, e ir além. Foi exatamente isso que os autores realizaram com trabalhadores alfabetizados e os não alfabetizados, desejar um porvir melhor.”³⁹

Por outro lado, Thompson é assaz influenciado pela memória e pelo exemplo de seu irmão, o Major Frank Thompson, morto por fascistas búlgaros, em aparente conivência com o governo britânico, situação mal explicada até hoje; a perda do irmão deixa marcas

³⁹ Kleber Lucas é cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista de música gospel. Cf. www.kleberlucas.com.br

indelévelis no jovem E. P. Thompson. Com a sua mãe (Theodosia Thompson), em 1947 escreve um livro em homenagem a seu irmão, *There is a Spirit in Europe: a Memoir of Frank Thompson*.

No período da II Guerra Mundial, E. P. Thompson lutou contra o fascismo italiano de Benito Mussolini. No final da II Guerra, Thompson trabalha como voluntário na construção da “ferrovia da juventude” na Iugoslávia; conhece Dorothy, com quem se casa e tem 3 filhos, e consegue se formar em História na Universidade de Cambridge, onde sempre participou ativamente de movimentos estudantis e político-partidários.

Muito jovem, Thompson se filia ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (GBCP). Devido aos acontecimentos de 1956, junto com outros militantes, deixa o Partido Comunista, mas não abandona seus ideais:

Um importante aspecto do pensamento de Thompson é o de compreender como se constituem os sujeitos não só como produtos das circunstâncias sociais [...] A classe operária não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. Nem devemos imaginar alguma força exterior – a revolução industrial. A classe operária formou a si própria tanto quanto foi formada. (VENDRAMINI, C., in MÜLLER e DUARTE (org.), 2012, p.145-146).

Diante do que foi apresentado por Thompson, destacamos um autor que, em sua obra, descreve e analisa muito bem essas relações de “exclusão social”, Jessé Souza. Mesmo com uma abordagem teórica distinta da de Thompson, a obra de Jessé Souza é bastante relevante para os objetivos de nosso projeto, ao pesquisar sobre famílias “desestruturadas”, provenientes da “nova classe média brasileira”, as possíveis consequências da “ruptura familiar” na vida escolar das crianças e adolescentes, e como a instituição escolar lida com essa tendência de desestruturação das famílias.⁴⁰ Além disso, muitas dessas crianças e adolescentes “[...] têm gravada sobre si mesmos, de maneiras opostas, uma sensação não de diferença, mas de fracasso humano” (THOMPSON, 2002, p. 43).

⁴⁰ Formado em Direito pela Universidade de Brasília (1981), concluiu o mestrado em sociologia pela mesma instituição em 1986. Em 1991, doutorou-se em sociologia pela *Karl Ruprecht Universität Heidelberg* (Alemanha), onde obteve livre-docência nesta mesma disciplina. Seu pós-doutorado também foi em sociologia na New School for Social Research, New York (1994/1995). É professor titular de sociologia na UFJF e atual presidente do Ipea (cf. www.ipea.gov.br).

Todo indivíduo possui uma família, independente de ser ela a desejável ou não. A importância da família na vida do ser humano é indizível, uma vez que é a partir dela que o 'homem' adquire os seus primeiros conceitos que formarão, ao longo do tempo, as pilastras de seu caráter, servindo de orientação para os inúmeros caminhos que a vida imporá durante sua trajetória. (cf. Alexandre Sturion de Paula, in www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1091/A-deseestrutura-familiar-e-os-institutos-da-familia-substituta-e-da-guarda-sob-a-otica-do-ECA, consulta em 04/07/2013, às 20h45min).

Muitas dessas crianças e adolescentes passam por grandes dificuldades escolares ou pelo abandono total, pois creem que a escola não foi feita para elas. A escola tende a tratar os seus educandos "igualmente", o que é um erro grosseiro, pois não são iguais. Cada indivíduo tem suas necessidades e especificidades e seu tempo de aprendizado, "{...} nós, os seres humanos, não fomos criados iguais e não poderemos ser iguais" (THOMPSON, 2002, p. 15). Cada indivíduo tem suas necessidades e especificidades e seu tempo de aprendizado e maturação.

Como exemplo das tensões contidas nesses processos, o capítulo 12 de *A Ralé Brasileira* revela como acontece o abandono escolar; muitas famílias naturalizam o "desinteresse e a indisciplina das crianças na escola", "porque criança gosta mesmo é de brincar", e a "disciplina que os estudos exigem é vista como algo antinatural, pois vai de encontro" à "liberdade natural" das crianças". (FREITAS, L. in Souza, J. (org.), 2011, p. 288). Essas crianças estão *geralmente*⁴¹ fadadas ao fracasso escolar, pois a escola não possui condições adequadas para a sua permanência.

Reforçando esse diagnóstico, segundo a reportagem constante do portal do UOL, são vários os motivos do abandono escolar: A falta de "encanto" das escolas e das disciplinas, a gravidez precoce e a entrada no mercado de trabalho, fazem com que, deste modo, o ensino médio seja o segmento da educação com o maior índice de abandono:

As idades mais críticas são 4 anos, 690 mil de crianças não são atendidas, e 17 anos, em que 932 mil adolescentes deixaram os estudos" {...} O ensino médio, que já reduzia as matrículas pelo menos desde 2010, teve, desde então, a maior queda, entre 2014 e 2015, de 2,7%. O número de estudantes passou de 8,3 milhões para 8,1 milhões. (<http://paranaportal.uol.com.br/blog/2016/03/28/3-milhoes-de-alunos-entre-4-e-17-anos-estao-fora-da-escola/> consulta em 02/04/2016 às 16h25min.)

⁴¹ Grifo meu para chamar a atenção da palavra *geralmente*, pois sei que há exceções.

O presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), Eduardo Deschamps, destaca ainda que outro motivo pode ter levado a essa queda: “a implantação do 9º ano do ensino fundamental”. (Cf. <http://paranaportal.uol.com.br/blog/2016/03/28/3-milhoes-de-alunos-entre-4-e-17-anos-estao-fora-da-escola/> consulta em 02/04/2016, às 16h42min.).

Ao ler a reportagem e confrontar com as inúmeras conversas que tenho tido com os educandos (adolescentes) ao longo desses anos de trabalho, concordo com a conclusão quanto à falta de “atrativos”. Por esse motivo, defendo novamente a importância da proposta dos Projetos Sociais. Na maioria do tempo, nós, educadores deste segmento da educação – educação complementar – fazemos diferente: muitas vezes ensinamos a mesma “coisa” para os educandos, mas de outras formas, ou seja, realizamos de forma lúdica, pois brincando a criança e o adolescente também aprendem. As brincadeiras não são apenas uma forma de divertimento, mas podem ser um meio para contribuir e enriquecer o desenvolvimento intelectual. Essa é uma das diferenças entre Escola e Projeto Social.

O professor. Dr. Roberto Leher, atual reitor da UFRJ, em sua palestra no dia 11/03/2016 – aula inaugural – para professores e alunos do CAP (Colégio de Aplicação/UFRJ), ressaltou:

{...} dois episódios históricos são marcos que refletem os dilemas ainda atuais da Educação e da Escola Pública. O desafio de pensar o ensino e a aprendizagem como construtor de conhecimento simbólico, e não apenas conectado ao mundo do trabalho, acoplado ao processo de produção e ao mercado, numa visão reducionista {...} pensar a escola como espaço social com capacidade inventiva, criadora e que suscite paixão pelo conhecimento. (Cf.: <http://apacap.org/2016/03/15/a-educacao-publica-resultou-e-resulta-de-muitas-lutas/>, consulta em 2/04/2016, às 16h14min.)

Portanto, se faz necessário uma mudança urgente nos modelos de ensinar, principalmente no ensino médio das escolas públicas.

Retomando os depoimentos do capítulo 12 do livro *A Ralé Brasileira*, destaco a observação de que nas famílias em situação financeira similar, mas que percebem que o estudar é importante e valorizado como meio de galgar um porvir melhor, as crianças apresentam melhores condições de desempenho escolar. Assim, a escola deveria ser:

[...] O ponto de partida e o ponto terminal do ensino como atividade pedagógica criadora [...] Cabe à sala de aula [...] a formação da consciência social democrática do cidadão e a construção de uma cultura cívica civilizada, [...] a identificação, a crítica objetiva e o combate aos preconceitos sociais contra os indígenas, o negro, os brasileiros estigmatizados por serem oriundos de regiões rústicas ou subdesenvolvidas, os pobres, os favelados, os portadores de deficiência física ou mental, as mulheres, os idosos, os filhos ilegítimos e os menores abandonados, transexuais etc.; a inclusão do repúdio às práticas discriminatórias correspondentes, abertas ou encobertas, o estudo e a explicação da história real ou verdadeira do Brasil, com a explicação dos crivos ideológicos, que fomentam uma consciência falsa da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, com a exaltação do branco e das classes dominantes e o menosprezo do indígena, do negro e do branco ou mestiço pobre; a difusão do conhecimento dos povos do terceiro mundo e em particular da América Latina; a compreensão do papel da luta de classes na transformação da sociedade moderna e na conquista da autonomia do Brasil em todas as esferas da organização da economia, da sociedade e da cultura. (FERNANDES, 1989, p.219).⁴²

Neste momento é oportuno fazer a pergunta: será que a instituição escolar pública é um estabelecimento que visa à emancipação dos educandos ou ela é uma grande reprodutora da desigualdade social? Voltarei a esse questionamento mais adiante.

A título de contraponto no debate, é necessário discutir sobre um autor que rompe com esse estigma do fracasso escolar nas classes mais desprovidas. Assim, cabe lembrar neste momento a trajetória de Florestan Fernandes.⁴³ Filho de mãe solteira, não conheceu o pai e seu avô materno trabalhou como colono numa fazenda no interior de São Paulo e morreu de tuberculose. A mãe, após se mudar para a capital paulista, trabalhou como empregada doméstica.

[...] Quando o aprendiz de sociólogo imaginou construir uma saída para si mesmo, acabou encontrando, na sociologia, os caminhos que defenderá para todos os seus, isto é, para os trabalhadores, livres e semilivres, que é como nomeará não só os camponeses, como todos esses pobres, índios, negros e imigrantes que, como ocorreu com ele, vivem nos interstícios, nos espaços vazios e nas zonas de transição das cidades, a "gentinha", para a qual a condição operária é uma verdadeira ascensão social. (FERNANDES, 2011, p. 11).

⁴² A proposta inspirou um movimento social e político chamado Fazendo a Diferença com Florestan Fernandes, coordenado pelo senador Paulo Paim (PT), que luta contra todas as formas de discriminação e preconceito nestas frentes que Florestan nomeou.

⁴³ Nasce em São Paulo, 22 de julho de 1920, e falece também em São Paulo, no dia 10 de agosto de 1995; sociólogo e político brasileiro. Foi duas vezes deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Logo, também é contemporâneo a E. P. Thompson e Paulo Freire, em um contexto histórico significativo, como comentamos.

"Florestan Fernandes tornou-se um defensor ferrenho da educação pública universal, laica, gratuita, pela qual lutou em várias frentes". (FERNANDES, 2011, p. 11). Muitas dessas reivindicações nós conquistamos, mas elas isoladamente não são garantias de sucesso.

[...] não é casual que, numa sociedade que continua tão escandalosamente injusta e excludente, como a brasileira, Florestan é uma prova de que somos uma sociedade aberta ao mérito e disposta a reconhecer os mais capazes, pois "a pobreza não lhe serviu de pretexto para não estudar, para desmerecer a educação formal".⁴⁴ (FERNANDES, 2011, p. 11).

A criança/adolescente é fruto do seu meio, mas pode mudar o rumo de sua vida, como afirma Henri Paul Hyacinthe Wallon, médico psiquiatra que trabalhou com crianças com distúrbios mentais. Para ele, a "determinação pelo meio" não seria uma prisão fechada ou estanke, da qual não haveria escapatória. Embora o contexto social tenha um peso decisivo nas nossas escolhas, seríamos livres para agir e mudar o rumo de nossas histórias, desde que tenhamos consciência dessas determinações e o desejo, mas, principalmente, a oportunidade de mudá-las.

Ao que parece, as escolas públicas não são feitas e nem pensadas para a pluralidade dos educandos, principalmente os oriundos de "famílias desestruturadas e/ou desajustadas" e/ou com dificuldades comportamentais e/ou cognitivas, "{...}" que nós, seres humanos, não fomos criados iguais e não podemos ser iguais" (Thompson, 2002, p. 15). Consequentemente, deve haver um tratamento diferenciado. Não podemos pensar em educação universal e livre se ainda vivemos em uma sociedade de classes. A escola deseja uma obediência mecânica por parte dos educandos, "[...] um estado de servidão mental e moral." (Thompson, 2002, p. 35). Como afirma István Mészáros, "{...}" Por isso é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente" (MÉSZÁROS, 2005, p. 27). Lógica da obediência cega, sem questionamentos e sem a participação:

[...] Thompson afirmava com insistência que a educação formal escolarizada seria uma forma de expropriação da identidade cultural das comunidades que ainda, de alguma maneira, faziam da experiência a possibilidade de

⁴⁴ Justificativa apresentada pelo deputado federal Celso Russomano, do Partido Republicano Brasileiro (PRB), para o projeto de lei, de 2005, que declara Florestan Fernandes patrono da sociologia brasileira. Aprovado como Lei n. 11.325, em 24 de julho de 2006.

transmissão e organização da cultura. (BERTUCCI, FARIA FILHO, OLIVEIRA (org.), 2010, p. 77).

Assim, o questionamento acima está mais do que respondido: da forma como está pensada e organizada, a escola não emancipa ninguém; ao contrário, ela pode reproduzir as desigualdades sociais.

{...} educação/capital cultural consiste num princípio de diferenciação quase tão poderoso como o do capital econômico, uma vez que toda uma nova lógica da luta política só pode ser compreendida tendo-se em mente suas formas de distribuição e evolução. Isto porque o sistema escolar realiza a operação de seleção mantendo a ordem social preexistente, isto é, separando alunos dotados de quantidades desiguais – ou tipos distintos – de ‘capital cultural’. Mediante tais operações de seleção, o sistema escolar separa, por exemplo, os detentores de ‘capital cultural’ herdado daqueles que são dele desprovidos. (www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capcul.html Consulta em 19/04/2015, às 17hs 24 min.)

Na maioria das vezes, a escola não realiza o que deveria, i.e., agir extramuros, ampliar sua atuação dialeticamente e realizar trabalhos e atividades juntamente com as comunidades *onde está inserida*, ou seja, *inserir a comunidade na escola*, abrindo espaços de convivência e de lazer para todos. A escola é fechada para a comunidade nos finais de semana só reabrindo nos horários de aula. Creio que uma das funções da escola pública é a de permanecer aberta para a comunidade nos finais de semana, para que ela possa usufruir de suas instalações, quadra, campo, parque, mas infelizmente não é isso que acontece.

[...] A reforma social sempre foi creditada à reforma da escola, ou seja, acreditou-se, e ainda se acredita (...) que as transformações sociais... dependem, em última instância, da capacidade de a escola tornar disciplinadas, ordeiras e trabalhadoras as crianças pobres brasileiras. (BERTUCCI, FARIA FILHO, OLIVEIRA (org.), 2010, p.77).

Além das crianças oriundas de famílias pobres, acrescento o caso das crianças (e adolescentes) consideradas "desajustadas-problemáticas", nem sempre devidamente lembrado.⁴⁵ O papel da escola deveria ser o de:

Buscar que cada um aprenda dentro de seu ritmo, com a convicção de que, salvo em casos muito excepcionais, nenhuma criança fracassaria se dispusesse de mais tempo, obtivesse mais dedicação, atenção e afeto por parte do professor. (NIDELCOFF, 1981, p. 94).

Para tentar melhorar e suprir as necessidades dessas crianças-adolescentes, organizam-se então os projetos sócio-educativos – sobre os quais comentei no início como minha experiência profissional – de modo a amenizar a exclusão, mas sem chegar a romper essa condição. Reconhecendo-os como sujeitos reflexivos e ativos, que mediante seus atos, restabelecem o movimento de sua história, com a preocupação de perceber este educando como um ser integral, que necessita também de carinho, afeto, compreensão, etc.

[...] A educação sócio-educativa, em meio aberto com as ONGs e CECs, pontua na direção de educar para a vida; de romper com as práticas do modelo escolar regular, implantar ações sócio-educativas; produzir o desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas; valorizar a diversidade cultural e produzir a relação entre as ONGs/família/escola". (Marco referencial da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Caminhos e desafios de um trabalho educacional de ONGs e CECs, s/d, p.1).

Dermeval Saviani questiona:

(...) a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem? (...)

⁴⁵ Coloco aqui crianças e adolescentes tidas como "desajustadas-problemáticas", as que não se encaixam nas normas rígidas impostas pela escola, normas e regras (que não são previamente conversadas ou discutidas com o corpo discente) e que visam "engessar" e produzir corpos submissos e dóceis. "O que se averigua, entretanto, é que, de modo recorrente, os estudantes não as cumprem. Acredita-se com isso que a concepção dos alunos sobre a construção dessas regras é a de que elas são construídas em bases hierárquicas, ou seja, provêm da autoridade, o que faz com que eles desconheçam os princípios morais que as embasam e o objetivo de cumpri-las. Agindo dessa maneira, a escola perde a oportunidade de auxiliar o aluno a desenvolver um pensamento autônomo. Constitui-se, assim, uma obediência superficial e heterônoma que, quando se efetiva, ora se dá pelo medo de punições, ora pela expectativa de recompensas". (GRIGOLON et alii, 2013, p. 96).

uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. Mas a preocupação com o homem é uma constante. (SAVIANI, 2007, p.35)

Nesse sentido, não é possível escrever sobre a experiência sem mencionar a posição de Thompson ao defender a presença articulada de dois níveis de experiência: a experiência I, a que é vivida e esclarece e ilumina, e a experiência II, percebida, compreendida, que engloba a inteligência, a compreensão e o entender, a razão.

As experiências I e II estão intrinsecamente ligadas à proposta de educação popular de Paulo Freire, na medida em que ele descreve e avalia as experiências de seus educandos e a transformação após a alfabetização, pois ensinar não é só transmitir informação, mas fazer com que educandos e educadores as percebam e as vivenciem: [...] "Numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica" (FREIRE, 1982, p. 3).

Assim como Thompson, Freire também preza o trabalho em coletividade, pois só assim terá chance de construir o conhecimento. Todo ato educacional é também um ato político que poderá propiciar a letração – modificação nos indivíduos.

Há diversas formas e diversos espaços de vivenciar experiências, de aprender com elas e lhes dar sentido, mas é indiscutível que o coletivo permite a vivência de experiências que podem vir a se tornar emancipadoras, ao agregar sujeitos em torno de situações e objetivos comuns de vida. (VENDRAMINI, C., in MÜLLER e DUARTE (org.), 2012, p.145).

Ao longo do estudo de Paulo Freire, fui percebendo que seu método "nada" nos diz ou acrescenta se olharmos e o estudarmos isoladamente. Nossa análise deve considerar o contexto social em que estava inserido, bem como suas contribuições (teóricas, metodológicas, políticas, culturais...) ao longo desse processo histórico.

Em uma de suas entrevistas, Paulo Freire afirma como encontra apoio nas ideias de Karl Marx para seus próprios projetos. Ainda muito jovem, frequentava os mangues, os córregos, os morros do Recife, deparava-se com o infortúnio das pessoas e percebia que elas estavam extremamente adaptadas e, muitas vezes, inertes frente a essa precária situação. Foi essa condição de total miséria e abandono que o fez pensar nos

ensinamentos de Karl Marx, não deixando de lado a sua crença em Jesus Cristo (ele era extremamente religioso e, a seu ver, as duas crenças poderiam caminhar juntas):

Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas: eu fiquei com Marx na mundaneidade e a procura de Cristo na transcendentalidade (<https://www.youtube.com/watch?v=Uvdc2YlcZkE> Consulta em 18/06/2013, às 22hs:05min.). Transcrição própria.

Essa foi sua última entrevista, em 17 de abril de 1997, suas palavras me emocionam intensamente e me respaldam naquilo que acredito: posso recorrer a Marx para alguns questionamentos e continuar com Cristo para tantos outros processos de busca, assim como o “Trenzinho Caipira” rodando e buscando dias melhores⁴⁶:

Trenzinho caipira

(Heitor Villa Lobos e Ferreira Gullar)

Lá vai o trem com o menino
 Lá vai a vida a rodar
 Lá vai ciranda e destino
 Cidade e noite a girar
 Lá vai o trem sem destino
 Pro dia novo encontrar
 Correndo vai pela terra
 Vai pela serra
 Vai pelo mar
 Cantando pela serra o luar
 Correndo entre as estrelas a voar
 No ar, no ar....

⁴⁶ O poema/música Trenzinho Caipira foi utilizado neste trabalho, pois ao pesquisar sobre a vida de Paulo Freire encontrei este vídeo onde artistas, intelectuais e anônimos falam sobre o educador na ocasião de seu falecimento e ao fundo tocava essa música. Este vídeo foi publicado em 7 de out de 2013 e produzido pela TV PUC/ São Paulo: www.youtube.com/watch?v=1ViM1oCPNoA

Diante do que afirmou Paulo Freire, é perfeitamente possível a ciência permanecer em um mesmo “ambiente” que a religião e vice-versa, sem a necessidade de criar um estado de guerra. Assim como no Conceito de Termodinâmica, em que um conceito, como autoridade, só é derrubado por meio de argumentações pertencentes a este meio (interno) e não oriundos de outra realidade, o meio externo. Seguindo este raciocínio, a ciência só pode ser refutada diante de pressupostos que a fundamentem.

Em seu mais recente livro, “O absoluto frágil”, Slavoj Zizek defende uma aproximação entre o cristianismo e o marxismo. Em suas palavras:

O primeiro paradoxo da crítica materialista da religião é este: às vezes é muito mais subversivo destruir a religião a partir de dentro, aceitando sua premissa básica, para depois revelar suas consequências inesperadas, do que negar por completo a existência de Deus. (Retirado do post da editora Boitempo no Facebook, e cf. www.boitempoeditorial.com.br/v3/titles/view/o-absoluto-fragil)

Não foi possível discutir e aprofundar o argumento de Slavoj Zizek, mas ele reforça a crença de Paulo Freire, a de que é possível ter fé na existência de Deus e acreditar nos ensinamentos de Karl Marx. Freire praticava esta conexão entre Ciência e Religião, mediada, por exemplo, no sentido humanista contido nesse princípio de Thompson: "a pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano real, em todas as suas manifestações (passadas e presentes)" (THOMPSON, apud VENDRAMINI, 2012, p.135). Deste modo, Paulo Freire acreditava no compromisso de ser ao mesmo tempo um grande pensador e militante, defender preceitos de Karl Marx e ser religioso:

Jesus, segundo relato dos evangelhos, colocou como condição de ser seu discípulo a opção preferencial pelos excluídos, tomados como portadores especiais da mensagem divina. Defendeu ainda a construção de uma nova ordem social, que chamou de Reino de Deus, no qual a solidariedade, justiça e fraternidade fossem o centro de seu núcleo civilizatório. Karl Marx também defendeu uma nova organização social, que chamou de comunismo. Nela os elementos que emperram nossa plena humanização seriam abolidos, tais como a alienação, a propriedade privada dos meios de produção e a exploração do homem pelo homem. O alemão desenvolveu uma sofisticada teoria política, que elegeu os trabalhadores como sujeito revolucionário do sistema, inclusive com o emprego da violência. Jesus se ocupou de uma mensagem de libertação, que apelava

às consciências a transformação radical da sociedade. Concentrou-se num discurso ético contra a exploração da vida social. [...] Karl Marx e Jesus “O Cristo” guardam, obviamente, diferenças históricas. Mas não podemos negar que entre eles há convergências utópicas quanto ao sonho de uma nova sociedade [...].
<http://democraciaesocialismo.blogspot.com.br/2013/03/jesus-e-marx.html>, consulta em 4/7/2013, 21hs35min.).

Paulo Freire era religioso e E. P. Thompson ateu convicto. Mas ambos compartilhavam a utopia de uma sociedade que partilhasse os bens produzidos, ou seja, mais igualitária e justa, ambos de tradição marxista, a seu modo. Eles nos fazem pensar sobre os dilemas, dramas, sabores e dissabores dos trabalhadores e da educação, pois valorizam a experiência trazida da vida cotidiana das pessoas comuns, {...} “com suas experiências foram agentes da história, que com suas ações afetaram, em diferentes graus, o mundo em que viveram e que deixaram para seus filhos”. (BERTUCCI, L.; FARIA FILHO, L.; OLIVEIRA, M.A. (org.), 2010, p.26).

Discutir o pensamento de Thompson e Freire é discorrer sobre as pessoas comuns, geralmente invisíveis⁴⁷ para a grande maioria da sociedade, pois quando ambos, cada qual a seu modo, os reconhecem como sujeitos reflexivos “{...} e que, em suas ações, repõem continuamente o movimento da história. (BERTUCCI, L.; FARIA FILHO, L.; OLIVEIRA, M.A. (org.), 2010, p. 49). Esse é um modo de fazer com que as pessoas assumam as rédeas de suas próprias vidas.

Ao educador popular caberá o investimento na criação de espaços de elaboração das perplexidades e angústias advindas do contato intercultural, denunciando situações em que a diferença de poder entre os grupos e pessoas envolvidas transforme as trocas culturais em imposição. Educação Popular é, portanto, um modo comprometido e participativo de conduzir o trabalho educativo orientado pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo, ou seja, dos excluídos e dos que vivem ou viverão do trabalho, bem como dos seus parceiros e aliados. Nela investem os que creem na força transformadora das palavras e dos gestos, não só na vida dos indivíduos, mas na organização global da sociedade. (Vasconcelos e Cruz (org.), 2013, p. 34).

⁴⁷ Com referência ao livro infantil *Os Invisíveis*, de Tino de Freitas, ilustrações de Renato Moriconi, Rio: Casa da Palavra, 2013.

A citação acima, embora sobre educação popular, resume bem o pensamento de E. P. Thompson e, claro, o de Paulo Freire: é preciso sonhar e mais que preciso, é indispensável e completamente imprescindível a vida.

Neste momento retomo um dos questionamentos anteriores: Por que Paulo Freire incomoda tanto? Por que “chega de doutrinação marxista” e “basta de Paulo Freire”? Por que ter “nojo” de Paulo Freire?⁴⁸.



Manifestações contra o governo Federal, Brasília, 15 de março de 2015.

Por que um Educador conhecido no “mundo inteiro”, homenageado por diversas instituições como Harvard, Cambridge e Oxford, não obteve esse mesmo reconhecimento no Brasil, e tem sido tão criticado, talvez mesmo difamado na atual conjuntura de crise política do país, especialmente desde o início de 2015? Assim,

⁴⁸ Reportagem do site <http://tercalivre.com/2016/02/27/alguns-motivos-para-ter-nojo-de-paulo-freire/>

Freire dá nome a vários institutos acadêmicos em países como Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, África do Sul e Espanha, mas, em sua terra natal, tem sido criticado por manifestantes e articulistas pelo que consideram sua "influência esquerdista" no ensino. (http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc?SThisFB consulta em 02/03/2016, às 17hs15 min.).

Em 2012 ele passa a ser considerado o Patrono da Educação Brasileira. Em meio aos protestos contra o governo federal da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), no dia 15 de março de 2015, “sobrou” até para Paulo Freire: palavras eram proferidas contra o educador e a faixa acima foi mostrada ao mundo inteiro.

Com base na faixa exibida nessa manifestação⁴⁹, a ONU (Organização das Nações Unidas) usou a rejeição de parte dos manifestantes contra Paulo Freire para mostrar em sua página do Facebook, uma conhecida frase do educador sobre a educação ser fundamentalmente “um ato político”.

⁴⁹ “Foi a mensagem levada às ruas de Brasília pelo professor de história Eduardo Sallenave, de 27 anos. Para ele, a admiração de muitos brasileiros diante do mais famoso pedagogo do país não faz o menor sentido. “É um rostinho simpático para um projeto cruel e desumano. Um teórico totalmente alinhado ao marxismo e regimes tirânicos, como o de Fidel Castro. As pessoas pedem mais educação, mas o MEC segue a ideologia do PT”, afirmou. Ao comentar, em sua página no Facebook, a respeito da repercussão do caso, Sallenave foi ainda mais longe. “Criticar o Paulinho? Ah, isso não! Paulo Freire é uma figura sacrossanta! Haja saco... Pedagogia do Oprimido = coitadismo e doutrinação marxista fulera (sic); não recomendo nem para o meu cachorro” (www.revistaforum.com.br/2015/03/19/professor-cria-polemica-em-protesto-contrapaulo-freire-pedagogia-do-oprimido-e-coitadismo/ consulta em 27/03/2016 às 20hs11 min.)

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire



A partir da publicação da ONU, diversos simpatizantes da obra de Paulo Freire postaram várias outras frases enaltecendo sua importância.

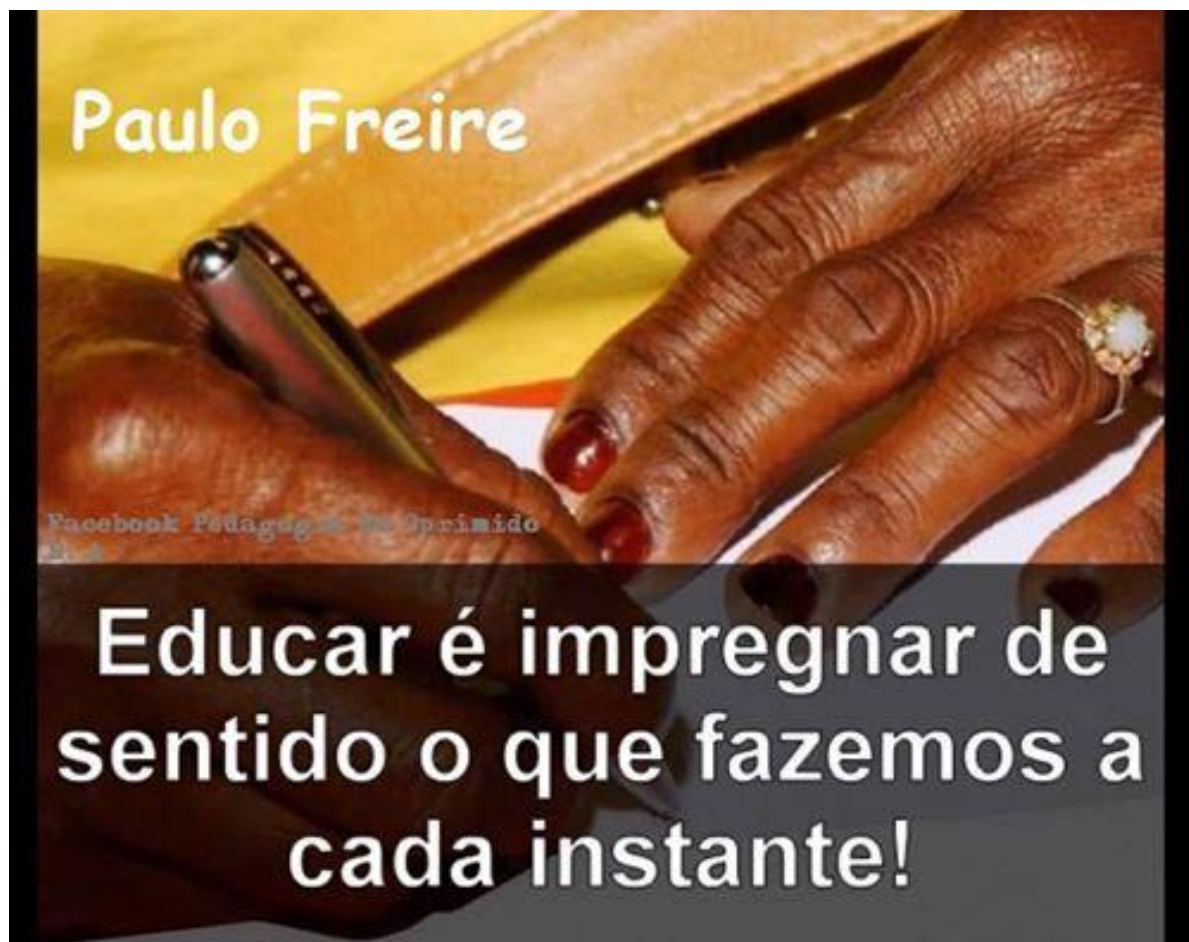
Após as manifestações de repúdio ao governo e a Paulo Freire, diversas homenagens foram veiculadas pela imprensa digital⁵⁰. O jornal A Gazeta do Povo (de Curitiba) veiculou a seguinte matéria: De acordo com projeto Open Syllabus, “só um brasileiro aparece entre os 100 livros mais pedidos nas universidades dos EUA: Paulo Freire”.

Este projeto reúne ementas de disciplinas de instituições de ensino superior em todo o país e [identifica] os livros mais solicitados pelos professores. O único livro brasileiro a aparecer nos 100 mais” da lista é de Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido*. Segundo o Open Syllabus, o livro é requisitado em 1.021 ementas de universidades e faculdades dos EUA. Não é pouca coisa: o livro fica à frente de clássicos como *Rei Lear*, de Shakespeare; *Moby Dick*,

⁵⁰ Vale ressaltar que as várias manifestações de apoio a Paulo Freire não aconteceram em seguida às manifestações de repúdio, havendo assim um intervalo de tempo entre elas.

de Herman Melville; e *O Banquete*, de Platão. (<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/dia-de-classico/so-um-brasileiro-aparece-entre-os-100-livros-mais-pedidos-nas-universidades-dos-eua-paulo-freire/> – consulta em 02/03/2016, às 16hs34min.).

A revista Nova Escola digital também escreve outra homenagem: “Paulo Freire, mentor da educação para a consciência”. A reportagem descreve sua trajetória de vida, o exílio e, é claro, as experiências de Freire com a educação de jovens e adultos, “autor da *“Pedagogia do Oprimido”*, defendia como objetivo a escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo” (<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/mentor-educacao-consciencia-423220.shtml?page=3> – consulta em 02/03/2016 às 16hs42min.)



Paulo Freire nunca foi – nem nos tempos da ditadura – tão achincalhado como ultimamente tem sido. Muito por acaso – mas pessoalmente não acredito em acasos – encontrei no Facebook uma reportagem do *site* “terça livre: cultura e conhecimento”, onde eles se descrevem assim:

O Terça Livre é um Hangout semanal, que vai ao ar todas as terças-feiras, às 22hrs, capitaneado por Allan dos Santos e frequentado por nossos convidados especiais com a proposta de promover um debate de qualidade na esfera pública brasileira [...] (<http://tercalivre.com/sobre/> – consulta em 02/03/2016, às 17hs47min.)

O portal promete reportagens e análises sobre assuntos diversificados sobre a sociedade brasileira, para pessoas que desejam “se aprofundar em temas da Alta Cultura universal”. E que “Os artigos e colunas de um grupo selecionado de pessoas que dedicam sua vida à compreensão dos assuntos relevantes que nos circundam” (<http://tercalivre.com/sobre/> consulta em 02/03/2016 às 17hs47min.).

Não obstante a premissa de “se aprofundar em temas da Alta Cultura universal”, uma de suas reportagens foi divulgada nos seguintes termos: “Alguns motivos para ter nojo de Paulo Freire”. Essa foi a segunda reportagem feita pelo site a respeito de Paulo Freire. Movida pelo espanto e pela curiosidade, decidi pesquisar e localizei a anterior, “A opressão da pedagogia de Paulo freire”. Os responsáveis pelo *site* são: Allan L. dos Santos, escritor, professor de filosofia, São Gonçalo, Rio de Janeiro; Rodolpho Loreto, escritor, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro; Ítalo Lorenzon, bacharel em Ciências Sociais e escritor, Rio Claro, São Paulo, e Leonardo Faccioni, advogado e escritor, de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul⁵¹.

As reportagens acima não são assinadas por nenhum dos integrantes, mas, com base na estrutura do site, aparentemente a responsabilidade pela publicação caberia ao Sr. Allan L dos Santos, pois ele o é o diretor das edições. A reportagem é extremamente ofensiva e transborda preconceitos. Em uma das partes me chama a atenção o seguinte trecho:

Antes de morrer de infarto, Freire conseguiu plantar no Brasil as sementes cancerígenas que foram regadas por uma horda de vigaristas travestidos de educadores e professores, que formaram (e continuam formando) milhões de militantes esquerdistas e analfabetos funcionais. (<http://tercalivre.com/2016/02/27/alns-motivos-para-ter-nojo-de-paulo-freire> Consulta em 08/03/2016 às 18hs:46 min)

Antes de mais nada, com que direito eles podem afirmar tais coisas nesse tom? O que querem dizer com “esquerdistas”? Será que ao proferir “vigaristas travestidos de

⁵¹ Cf.: <http://tercalivre.com/equipe/> – consulta em 08/03/2016, às 18hs:38 min.

educadores e professores” eles se referem aos EDUCADORES que, ao lecionarem, fazem com que os educandos possuam voz e vez e que possam se expressar sem retaliações, e levam em conta os saberes trazidos de suas experiências de vida?

Isso é ser esquerdista? Então a educação popular baseada nos ensinamentos de Paulo Freire seria realmente esquerdista; desejamos educandos pensantes, questionadores, reflexivos; chega de escola onde alunos devem dizer “amém” para o professor; chega de achar que o professor é o “sabe tudo”; queremos educandos mais participativos, bem como uma educação mais humanizada, afetiva e onde possamos “enxergar” os educandos, e com eles interagir de forma mais positiva e crítica, pois:

A competência técnica científica e o rigor acadêmico, de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. (Freire, 1996, p.11).

Fica evidente que uma grande parcela da população conservadora está extremamente incomodada com a “Ralé Brasileira” – parafraseando o livro de Jessé de Souza –, pois estava “dividindo” espaços que até então eram “só seus”. Shoppings, aeroportos, universidades e outros tantos lugares, mediante essa “divisão” de classe e de espaços, podem surgir então com maior frequência esses “confrontos”, “atacando” violentamente tudo que consinta e viabilize uma eventual “ascensão” social da classe trabalhadora. Por este e por tantos outros motivos, agredir, caçoar e denegrir a imagem de Paulo Freire e a tantos outros Paulos.

Considerações Finais

Aprendi muito com meus mestres, mais com meus companheiros e mais ainda com os meus alunos. (Provérbio Judaico)

Pensar *projetos sociais* é pensar em educação popular e, com toda certeza, falar, escrever, analisar e recorrer aos ensinamentos de Paulo Freire e também discorrer, de forma correlata, sobre E. P. Thompson, pois é ansiar por maior liberdade, esperança e emancipação, pois ambos propõem os princípios do “fazer-se” e o do “vir a ser” sujeito. Como Paulo Freire nos ensinou, “O mundo não é, o mundo está sendo”, e são as pessoas que realizam esta construção.

Deste modo, transformar este⁵² espaço educacional, em um local prazeroso – oferecendo-lhes oportunidades de novos conhecimentos, descobertas e aprendizagens – e que garanta às crianças e aos adolescentes um espaço, para brincar, aprender e poder se expressar livremente. Ou seja, um espaço que respeite seus direitos, desejos e, sobretudo, seu tempo de maturação e aprendizagem, contribuindo para o seu pleno desenvolvimento, uma educação realmente integral, como revela o próprio nome do CEA FIS, Educação Integral do Ser. Devemos entender integral como total, inteiro, global, desenvolvendo os educandos de forma completa, em sua totalidade: “Muito mais do que o tempo em sala de aula, a educação integral reorganiza espaços e conteúdos”. (<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/educacao-integral-624287.shtml> consulta em 19/03/2016, às 19hs11min.).

Não há como terminar este trabalho sem citar o texto escrito por José Eustáquio Romão, historiador e doutor em Educação, amigo pessoal e especialista na obra de Paulo Freire, em entrevista à BBC Brasil, “(O) Brasil nunca aplicou Paulo Freire, pois se o tivesse feito estaria livre do analfabetismo”. Romão acrescenta:

Um país muito simpático ao conjunto da obra do Paulo Freire é a Finlândia, que avançou muito na educação. Cuba também acabou com o analfabetismo com base no método. A Coreia do Sul também. Para você ter uma ideia, o maior seminário internacional sobre Paulo Freire foi realizado na Universidade Nacional da Coreia do Sul.

⁵² Coloco a palavra *este* para diferenciar o espaço do projeto social do da escola regular.

(www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc?SThisFB consulta em 11/03/2016 às 20hs:18min).

Os ensinamentos de Paulo Freire estão baseados em uma forma de ensinar utilizando a ludicidade, {...} “Ele mostrou aos alunos um tijolo físico, o partiu e colou nele as sílabas da palavra tijolo. E pediu que as pessoas formassem outras palavras a partir daquelas sílabas”

(www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc?SThisFB consulta em 13/03/2016 às 17hs:58min).

Isso também me faz lembrar as aulas ministradas por E. P. Thompson, onde ele utilizava a literatura e a poesia como recurso pedagógico para ensinar história, usando assim também a ludicidade a favor da criatividade e do conhecimento.

Devo mencionar, quando eu ainda era estudante do ensino médio, em uma escola pública, período noturno, na cidade de São Caetano do Sul/SP, na disciplina de biologia, mais precisamente no conteúdo sobre o DNA – humano.

O professor, muito atento aos alunos, percebeu que a grande maioria não estava entendendo “coisa nenhuma” da matéria – vale ressaltar que a escola não possuía laboratório de biologia e muito menos sala informatizada. A partir das dificuldades enfrentadas, ele resolveu realizar sua aula no pátio da escola, utilizando tampinhas de garrafas e o “corpo” de cada estudante para explicar a “espiral de DNA” – solução simples, mas com certeza foi um grande aprendizado para todos, tornando sua aula um pouco mais “lúdica”, com recursos acessíveis e com melhores resultados para o aprendizado.

Uma aula ludicamente inspirada não é, necessariamente, aquela que ensina conteúdos com jogos [ou “**brincadeiras**”], mas aquela em que as características do brincar estão presentes influenciando no modo de ensinar do professor, na seleção dos conteúdos, no papel do aluno. Nesta sala de aula convive-se com a aleatoriedade, com o imponderável; o professor renuncia à centralização, à onisciência e ao controle onipotente e reconhece a importância de que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem; a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas. (FORTUNA, 2000, p. 160, inserção e grifo meus).

Esse simples exemplo é uma – dentre tantas outras – formas de ensinar e, quem conhece um “pouco” de Paulo Freire, sabe que as iniciativas lúdicas nas escolas podem

auxiliar e potencializar a criatividade, a imaginação e contribuir para o desenvolvimento intelectual dos estudantes, incutindo nos educandos a noção de que aprender também pode ser divertido e prazeroso. Este é o ponto que venho discutindo há muito tempo, o uso de “brincadeiras” ou de formas lúdicas no aprendizado das crianças e adolescentes em todos os segmentos de educação.

Não gostaria de concluir essa versão final⁵³, sem discutir o tema da relação entre boniteza e feiura no problema da abordagem estético-política do caráter sociológico dos projetos sociais. Assim, o que seria a feiura dos projetos sociais (citados neste trabalho) – feiura relacionada à parte estética - penso: como podemos questionar a falta de “boniteza” – para usar uma palavra que Paulo Freire adorava –, quando me refiro somente à foto da fachada dos prédios? Como pensar na perspectiva dos objetivos desses projetos, mesmo consideradas todas as suas contradições e limitações, e nas expectativas das crianças *atendidas ou participantes*?

Isso me faz lembrar outra questão: antes de vir morar em Florianópolis eu trabalhava em uma escola particular, como coordenadora pedagógica do ensino fundamental. Uma escola, bonita, organizada, com salas arejadas, limpas, bem pintadas, bastante vistosa. Nesta escola havia sala informatizada, diversos laboratórios e uma belíssima e bem equipada brinquedoteca – sonho de muitas crianças e é claro dos professores que anseiam por estes espaços.

Mas, o sonho era fachada, pois a sala com grandes espelhos, maquiagem, bancada para brincar de beleza, bonecas e bonecos, carrinhos, jogos diversos, enfim, muita “coisa” legal. Essas “coisas legais” não podiam ser utilizadas pelas crianças, pois, elas “iriam desorganizar tudo e como nós – professores, coordenação e direção – iríamos mostrar este espaço para os pais”? Fala da proprietária da escola.

Portanto, onde está a boniteza? Creio que a boniteza está no dia a dia dos projetos e das escolas, em seus trabalhos, nas conquistas e conflitos diários, na amorosidade, nas tensões, no respeito, carinho, aprendizado, na compreensão entre os educandos e os educadores, e em todos que participam da vida/luta diária dos projetos.

⁵³ Não acredito em versão final, pois a cada leitura do texto há sempre o que acrescentar, mudar, reformular.

Como Thompson (1982, p. 30) proclamou, “o fim da política é agir, e agir *com resultado*”.⁵⁴ Creio que Thompson e Freire têm muito mais em comum do que foi apresentado e que valeria uma pesquisa mais aprofundada sobre ambos. Mas, neste momento é o que posso oferecer.

Espero sinceramente que os Projetos Sociais possam ter vida longa, obter mais recursos e apoio para se aperfeiçoar, pois são fundamentais para as crianças, adolescentes, famílias e comunidades, e cumprem o seu papel, estabelecendo relações e mediações entre a Educação, Assistência Social, Estado e sociedade, com suas determinações e contradições.

E, nesse sentido, aproveito para concluir lembrando a instigante reflexão de E. P. Thompson:

Como aprendemos da história, essa conjuntura de crise e oportunidade é o mais perigoso momento de todos. Os grupos dominantes, habituados a seus tradicionais hábitos e controles, sentem a terra se mexer embaixo deles. As pombas e os falcões formam facções. Ações podem ser impulsivas e precipitadas. Neutralismo, internacionalismo – impulsos democráticos no Leste, impulsos socialistas no Ocidente – tornam-se ameaças terríveis ao poder estabelecido, desafiando a própria razão de ser das elites exterministas. (Thompson, 1982, p. 25).

⁵⁴ No original, “The end of politics is to act, and to act *with effect*”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 6ª ed. S. Paulo: Cortez. 1983.

ANTUNES, Ângela. "Paulo Freire", in PERICÁS, Luiz Bernardo e SECCO, Lincoln (org.). **Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2014.

BASTOS, Maria Helena Câmara. "Método intuitivo e lições de coisas por Ferdinand Buisson". In: *História da Educação* (on line), vol.17, n. 39, Santa Maria e Porto Alegre, Jan./Apr. 2013, p. 231-253.

BRANDÃO, Carlos R. **O que é método Paulo Freire**. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BERTUCCI, Liane M., FARIA, Luciano M. e OLIVEIRA, Marcus A. T. **Edward P. Thompson: história e formação**: Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP. 1992.

CARVALHO, Viviane Batista. "**As influências do pensamento de John Dewey no cenário educacional brasileiro**", in *Redescrições* – Revista on line do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 1, 2011(Nova Série), pp. 58-77.

FERNANDES, Florestan. **Brasil: em compasso de espera**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2011.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Planejamento em destaque**. Porto Alegre, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

GALVÃO I.; WALLON, Henry. **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRIGOLON, Ana Kuasne et alii, “**Regras escolares: o que pensam os alunos de Ensino Fundamental I e II**”, in *Scheme* (Revista eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas), Marília: UNESP, Vol. 5, n. 1, Jan-Jul/2013, p. 96-127.

GROISMAN, Alberto. “**Fotografia e fotografar: notas sobre paradigmas, artefatos e artifícios sociais e relacionais**”, in LENZI, Lúcia Helena Corrêa; DA ROS, Sílvia Zanatta; SOUZA, Ana Maria Alves de, GONÇALVES, Marise Mattos (Org.). *Imagem: intervenção e pesquisa. Florianópolis: NUP, 2006, 299p. (Coleção Cadernos CED)*. Paper apresentado no I Encontro Fotoeducativo: Imagem, Intervenção e Pesquisa, Florianópolis, 2005.

HAMZE, Amélia. “**Escola Nova e o movimento de renovação do ensino**”, in <http://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>, s.d.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LOPES, Marco A. e MUNHOZ, Sidnei (org.). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010.

MÉSZÁROS, Istvan. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREITAS, Tino. **Os Invisíveis**. Ilustração: MORICONI, Renato. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MÜLLER, Ricardo G. & DUARTE, Adriano L. (org.). **E. P. Thompson: política e paixão**. Chapecó: Argos, 2012.

MÜLLER, Ricardo G. & MUNHOZ, Sidnei J. “**Edward Palmer Thompson**”. In LOPES, Marco A. e MUNHOZ, Sidnei (org.), S. Paulo: Alameda, 2010.

MÜLLER, Ricardo G. **Razão e Utopia: Thompson e a história**. São Paulo, 2002. Tese (doutorado em História). S. Paulo: Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (org.). **E. P. Thompson: As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. 11ªed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PAGNI, Pedro Ângelo. Do Manifesto de 1932 à Construção de um Saber Pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2000. (Coleção Fronteiras da Educação).

RYBCZYNSKI, Estanislau, “**Mobral, o ensino da ditadura**”, 30/01/2014, in *Leia as Histórias*, www.saopaulominhacidade.com.br Consulta em 29/3/2015, 18:40h.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas/Educamp e S. Paulo: Cortez/Autores associados, 1997.

SAVIANI, D. **Do senso comum à consciência filosófica**. 17ª ed. S. Paulo: Cortez, 2007.

SAVIANI, D. Relatório “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto 20 anos do “Histedbr”. Campinas: UNICAMP, 25 de agosto de 2005.

SILVA, Rosa Ursula e GHIGGI, Gomercindo. “A experiência e o pensar em Dewey e Freire: relações e influências apontando para a prática da liberdade”. In: *Educação Pública*, Rio: CECIERJ, 2009, cf.: www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0215.html

SOUZA, Jessé. **A construção da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

THOMPSON, E. P. (ed.). *Exterminism and Cold War*. London: New Left Books/Verso, 1982.

THOMPSON E. P. “Educação e experiência”, in *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. “Prefácio”, in *A formação da classe operária inglesa*. 6 ed., Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, E. P. “A História vista de baixo”, in NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Sérgio (orgs.), 2001, p. 185-201.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. “Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde”. In *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(1):67-83, 2004.

VASCONCELOS, Eymard Mourão e CRUZ, Pedro José Santos Carneiro (org.). Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. S. Paulo: Hucitec e João Pessoa: ed. UFPB, 2013.

VENDRAMINI, Célia. “Experiência e coletividade em E. P. Thompson”, in Müller e Duarte (org.), 2012, p. 127-147.

<http://boletim.unifreire.org/edicao02/2013/09/11/paulo-freire-50-anos-de-angicos-significado-para-a-educacao-brasileira-hoje>

<http://acervo.paulofreire.org>

Obs.: As demais referências de consultas a *sites* e portais de internet estão indicadas no corpo do texto.

Anexo de fotos

A fotografia, antes de tudo é um testemunho. Quando se aponta a câmara para algum objeto ou sujeito, constrói-se um significado, faz-se uma escolha, seleciona-se um tema e conta-se uma história, cabe a nós, espectadores, o imenso desafio de lê-las. Ivan Lima

As fotos utilizadas foram feitas por mim ao longo destes anos trabalhados em projetos sociais, na cidade de Florianópolis. Deliberadamente não as coloquei em ordem cronológica; foram incluídas conforme minha emoção consentiu; não coloquei legenda, pois não é minha intenção direcionar o olhar do(a) leitor(a). Fiz as fotografias livremente durante atividades do cotidiano, sem preocupações técnicas, racionais e/ou lógicas. Expressam sentimentos contidos “naquele” exato momento, sentimentos meu e das crianças e adolescentes. Momentos, com toda certeza, guardados para sempre.⁵⁵

Lembrando Roland Barthes:

Decidi então tomar como guia de minha nova análise a atração que eu senti por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo. Como chamá-la? Fascinação? Não, tal fotografia que destaco e de que gosto não tem nada do ponto brilhante que balança diante dos olhos e que faz a cabeça oscilar; o que ela produz em mim é exatamente o contrário do estupor; antes uma agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que quer se dizer. Então? Interesse? Isso é insuficiente; não tenho necessidade de interrogar minha comoção para enumerar as diferentes razões que temos para nos interessarmos por uma foto; podemos: seja desejar o objetivo, a paisagem, o corpo que ela representa; seja amar ou ter amado o ser que ela nos dá a conhecer; seja espertarmos com o que vemos; seja admirar ou discutir o desempenho do fotógrafo, etc.; mas esses interesses são frouxos, heterogêneos; tal foto pode satisfazer a um deles e me interessar pouco; e se tal outra me interessa muito, eu gostaria de saber o que, nessa foto, me dá estalo. Assim, parecia-me que a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atração que sobre mim exercem certas fotos era “aventura”. Tal foto me advém, tal outra não. O princípio da aventura permite-me fazer a Fotografia existir. De modo inverso, sem aventura, nada de foto. Cito Sartre: “As fotos de um jornal podem muito bem ‘nada dizer-me’, o que quer dizer eu os olhos sem pô-las em posição de existência. Assim as pessoas cuja fotografia vejo são bem alcançadas através dessa fotografia, mas sem posição existencial, exatamente como o Cavaleiro e a Morte, que são alcançados através da

⁵⁵ A ideia de elaborar essa seção em minha monografia se deve aos argumentos apresentados por Alberto Groisman em seu texto “Fotografia e fotografar (...)”, discutido durante a disciplina de Métodos II.

gravura de Dürer, mas sem que eu os ponha. Podemos, aliás, deparar com casos em que a fotografia me deixa em um tal estado de indiferença, que não efetuo nem mesmo a 'colação em imagem'. A fotografia está vagamente constituída como objeto, e os personagens que nela figuram estão constituídos como personagens, mas apenas por causa de sua semelhança com seres humanos, sem intencionalidade particular. Flutuam entre a margem da percepção, a do signo e a da imagem, sem jamais abordar qualquer uma delas". Nesse deserto lúgubre, me surge, de repente, tal foto; ela me anima e eu a animo. Portanto, é assim que devo nomear a atração que a faz existir: uma animação. A própria foto não é em nada animada (não acredito nas fotos "vivas"), mas ela me anima: é o que toda aventura produz.

(Roland Barthes, in <http://pensador.uol.com.br/frase/OTY1Njk5>)



















































Quero sempre poder ter um sorriso estampado em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre... E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor. Mario Quintana

Autorizações para a utilização das fotos



Universidade Federal de Santa Catarina
CFH/Dept°. de Sociologia e Ciência Política (SPO)
Curso de Ciências Sociais (CSO)

Florianópolis, 8 de março de 2016

Solicitação

Solicitamos a gentileza de conceder o uso de imagens de sua Organização ou Centro (fotografias, vídeos etc.) para inclusão na pesquisa de TCC, bacharelado em Ciências Sociais, conduzida pela Profa. Virginia Helena Duarte, da qual sou orientador

Essas imagens foram feitas pela própria Profa. Virginia durante seu período de trabalho junto à sua Organização e estão associadas às tarefas por ela desenvolvidas.

Confirmamos que seu uso será exclusivamente acadêmico e restrito à sua monografia de conclusão de curso.

Agradecemos a compreensão e apoio.

Colocamo-nos à sua disposição para consultas e esclarecimentos.

Atenciosamente,

Laboratório de Sociologia do Trabalho
LASTRO-SPO-CFH - UFSC
Prof. Ricardo Gomes Muller
Docente Titular do Departamento de Sociologia
Sociologia do Trabalho - LASTRO-SPO - UFSC

Autorizado
MARIA CARLOS. DE
17/03/16



Autorização

O Projeto Ação Social Coloninha, autoriza o uso de imagens feitas pela Profª. Virginia Helena Duarte, durante seu período de trabalho em nossa instituição, para inclusão em sua pesquisa de TCC, em uso exclusivamente acadêmico e restrito a sua monografia.

Florianópolis, 30 de março de 2016.

Beatriz Monguihot de Mattos
 Beatriz de O. e S. Monguihot de Mattos
 Coordenadora Pedagógica
 Ma. Beatriz de O. e S. Monguihot de Mattos
 Coordenadora Pedagógica
 Ação Social Coloninha

10.807.654/0001-85
AÇÃO SOCIAL COLONINHA
 Rua Rodolfo Bosco, 261 Coloninha
 CEP: 88090-440
 Florianópolis SC



Casa São José

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que autorizamos a professora Virginia Helena Duarte a utilizar as imagens da nossa instituição, para sua pesquisa de TCC.

Florianópolis, 10 de março de 2016

Atenciosamente,

MARIA LÚCIA WALTER DA ROSA

Coordenadora

ASSOCIAÇÃO CASA SÃO JOSÉ
CNPJ: 18.093.857/0001-06
Rua Marcus Aurélio Homem, 366
Serrinha - Trindade - Fpolis
Telefone: (48) 3234-3300

Rua Marcus Aurélio Homem, 366, Trindade | Florianópolis / SC
CEP: 88040-440 | Tel / Fax: (48) 3234-3800
www.casasaosefloripa.com.br | casasaose@gmail.com